



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

SANDRA REGINA RODRIGUES TEIXEIRA

**A PESQUISA FILOSÓFICA NO ENSINO MÉDIO: ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO
DE UM GUIA DE INICIAÇÃO À PESQUISA EM FILOSOFIA NO IFPA-CONCEI-
ÇÃO DO ARAGUAIA.**

**Palmas - TO
2024**

Sandra Regina Rodrigues Teixeira

**A PESQUISA FILOSÓFICA NO ENSINO MÉDIO: ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO
DE UM GUIA DE INICIAÇÃO À PESQUISA EM FILOSOFIA NO IFPA-CONCEI-
ÇÃO DO ARAGUAIA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como requisito à obtenção do grau de Mestre (a) em Filosofia.

Orientador (a): Dr. José Soares das Chagas
Coorientador (a): Dr. Gustavo Silvano Batista

**Palmas - TO
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- R335p Regina Rodrigues Teixeira, Sandra.
A PESQUISA FILOSÓFICA NO ENSINO MÉDIO: ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DE UM GUIA DE INICIAÇÃO À PESQUISA EM FILOSOFIA NO IFPA-CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA. / Sandra Regina Rodrigues Teixeira. – Palmas, TO, 2024.
73 f.
- Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em Filosofia, 2024.
Orientador: José Soares das Chagas
Coorientador: Gustavo Silvano Batista
1. Metodologia. 2. Iniciação científica. 3. Ensino de filosofia. 4. Pesquisa. I. Título

CDD 100

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sandra Regina Rodrigues Teixeira

**A PESQUISA FILOSÓFICA NO ENSINO MÉDIO: ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO
DE UM GUIA DE INICIAÇÃO À PESQUISA EM FILOSOFIA NO IFPA-CONCEI-
ÇÃO DO ARAGUAIA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Filosofia avaliado para a obtenção do título de Mestre (a) em Filosofia e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 24 / 09 / 2024

Banca Examinadora

Prof. Dr. José Soares das Chagas, PROF-FILO UFT
Orientador e Presidente da Banca

Prof. Dr. Gustavo Silvano Batista, PPGFIL UFPI
Membro Externo

Prof. Dr. Roberto Antônio Penedo de Amaral, PROF-FILO UFT
Membro Interno

Dedico este trabalho ao Deus dos excluídos, que sempre me amou.

Ao meu amado companheiro Delmiro Silva, por me amar e se sacrificar por mim.

Á minha mãe Raquel Alves, que sempre orou e cuidou de mim.

Ao meu pai Silvério Arrais, que cuidou de mim e sempre me incentivou a estudar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em nome do seu filho Jesus Cristo, e o Espírito Santo que está do meu lado todos dias me amando e fortalecendo.

Aos meus pais, Silvério e Raquel pelo amor, amparo e cuidados desde sempre, amo vocês. A meu amado companheiro, Delmiro Silva, que me ama, cuida e apoia em todas minhas vontades e empreitadas, sem exceção.

Aos meus irmãos Guilherme, Ângelo, Luciélma, Lucicleide, Cledilene e Luciano, que mesmo de longe me apoiam e incentivam. Agradeço em especial a minha sogra Dona Alaídes, que sempre me acolhe com seu amor e me fortalece com seu cuidado. A minha tia Mirani que sempre está comigo em todas as situações.

Ao meu grande amigo e incentivador Professor Dr. Tomaz Martins, a minha amiga Ana Lúcia de Oliveira que sempre está comigo, nas dores e nas alegrias, a minha amiga Biatriz, pela amizade sincera e rara, a minha amiga Brenda por sua alegria e gentileza comigo, a minha amiga Ruth Campos, por sua sensibilidade, aos meus amigos Pablo e Helem, por serem tão amorosos e parceiros no trabalho, a Irisleide, por ser tão parceira e ter me apoiado nas empreitadas de amor ao próximo.

Aos meus psicólogos Fabricio Walker e Sabrina Pires, que me acolheram e me auxiliaram no processo. Também agradeço a nossa secretária do lar Ataniela, que me auxilia com as refeições e os trabalhos domésticos.

Aos meus professores incentivadores que a vida me deu, tanto na graduação, quanto no mestrado, e por fim agradeço ao meu primeiro orientador e agora coorientador Professor Dr. Gustavo Silvano Batista, que me ajudou desde o início do processo e sempre deu valiosíssimas contribuições. E ao meu orientador Professor Dr. José Soares das Chagas, por ser tão prestativo e ter me auxiliado no processo final da dissertação. Todos vocês me ajudam à sua maneira, e muito tem contribuído para o meu crescimento pessoal e profissional.

É preciso habituar o educando a suportar que a sua liberdade seja submetida ao constrangimento de outrem e que, ao mesmo tempo, dirija corretamente a sua liberdade. Sem essa condição, não haverá nele senão algo mecânico; o homem, terminada a sua educação, não saberá usar sua liberdade.

Immanuel Kant

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma abordagem do ensino de filosofia através de uma metodologia de iniciação à pesquisa filosófica no ensino médio. A filosofia, como disciplina escolar no ensino básico regular no Estado do Pará, oferece um currículo voltado para a discussão das teorias filosóficas, pautadas na história da filosofia. Os materiais didáticos recebidos no ensino médio regular versam sobre os períodos e filósofos considerados relevantes nas respectivas correntes filosóficas. Isso faz com que o aluno absorva os assuntos de modo histórico e pouco problematizado, assim, o ensino de filosofia é visto apenas como um mero cumprimento de mais uma disciplina do currículo escolar. Com o novo ensino médio houve uma mudança no currículo, os conteúdos que davam ênfase aos períodos históricos, foram substituídos por temáticas de grande relevância social. Uma das grandes finalidades deste trabalho é oferecer um guia de iniciação à pesquisa filosófica que contribua com a leitura e discussão do texto filosófico, estimulando o espírito crítico do estudante. O guia aqui apresentado e discutido foi aplicado inicialmente no Instituto Federal do Pará, Campus Conceição do Araguaia. mas se apresenta como alternativa pedagógica, a ser inserida como estratégia de ação para o novo ensino médio, como proposta de projeto integrador dentro da área de ciências humanas, ressaltando a essência questionadora da filosofia, assim como sua capacidade de estimular o espírito crítico. Dentro deste contexto, o trabalho procura fazer uma contribuição na área de ensino de filosofia para o ensino médio, com foco na iniciação à pesquisa filosófica, possibilitando um aprofundamento mais adequado das questões filosóficas.

Palavras-chaves: Metodologia. Iniciação científica. Ensino de filosofia. Pesquisa

ABSTRACT

This paper presents a new approach to the teaching of philosophy through the methodology of initiation to philosophical research. Philosophy as a school subject in regular primary education has a curriculum focussed on the identification of philosophical theories through the history of philosophy. The didactic materials received in regular secondary education deal with the periods and philosophers considered relevant in the respective philosophical currents. This causes the student to absorb the subjects in a mechanical and purely historical way, so the teaching of philosophy is seen only as a mere fulfillment of the school curriculum. With the new high school, the historical question was left aside and was replaced by interdisciplinary books that practically do not contain philosophy, because they are diluted in other themes that are not essentially philosophical. One of the main purposes of this work is not to let philosophical problems get lost, so the goal is to build a guide to initiation to philosophical research that guides the student from reading the philosophical text to reworking the author's message, stimulating the student's critical spirit. The guide was initially applied at the Federal Institute, but it will be presented as a possibility to be inserted in the new high school as a proposal for an integrating project within the Human Sciences area without philosophy losing its questioning essence and its ability to stimulate the critical spirit. To substantiate the importance of rigour and discipline in studies involving philosophical works, it is based on the authors of philosophy that guide a disciplinary practice in the search for knowledge, they are: Descartes, Kant and Locke. In this context, this dissertation corroborates a contribution in the area of philosophy for high school, focusing on initiation to philosophical research through suggestions of direct contact with works more understandable to the young audience and with access to the methodology guide for initiation to philosophical research to direct the research, which may at the teacher's discretion be used.

Key words: Methodology. Initiation. Resear

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Ficha de Leitura de Texto Filosófico.....	37
Tabela 2 – Planejamento de leitura.....	38
Tabela 3 – Tomar Notas.....	39
Tabela 4 – Processo de Leitura.....	39
Tabela 5 – Fichamento Conceitual.....	42
Tabela 6 – Esquema 1.....	44
Tabela 7 – Esquema 2.....	45
Tabela 8 – Quadro de análise de texto.....	47
Tabela 9 – Metodologia de Iniciação à Pesquisa filosófica.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFT Universidade Federal do Tocantins

IFPA Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

IEMUC Instituto de Educação Mundo do Conhecimento

UEPA Universidade do Estado do Pará

IFES Institutos Federais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Problema de Pesquisa.....	15
1.2	Hipótese.....	16
1.3	Delimitação do Escopo.....	17
1.4	Justificativa.....	17
1.5	Objetivos.....	20
1.5.1	Objetivo geral.....	20
1.5.2	Objetivos específicos.....	20
1.6	Metodologia.....	21
1.6.1	Metodologia da pesquisa.....	22
1.6.2	Procedimentos metodológicos.....	23
1.7	Estrutura da dissertação.....	24
2	O SENTIDO DA DISCIPLINA NA PESQUISA FILOSÓFICA	26
2.1	Disciplina em Locke.....	26
2.2	Disciplina em Kant.....	28
2.3	A importância do método para Descartes.....	31
3	GUIA DE INICIAÇÃO A PESQUISA FILOSÓFICA.....	33
3.1	A leitura filosófica.....	34
3.2	O processo de leitura.....	36
3.3	A compreensão do texto filosófico.....	40
3.4	Analisando o texto filosófico.....	46
3.4.1	Explicação e diálogo sobre o texto.....	48

3.5	Produção do relatório de pesquisa.....	49
3.6	Etapas da Metodologia de Iniciação a Pesquisa Filosófica.....	50
4	RESULTADO E ANÁLISE.....	54
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
5.1	Contribuição da dissertação.....	61
5.2	Trabalhos futuros.....	61
	REFERÊNCIAS.....	62
	APÊNDICE A.....	63
	APÊNDICE B.....	66
	ANEXOS.....	66

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma abordagem alternativa no ensino de filosofia, propondo uma metodologia de iniciação à pesquisa filosófica na educação básica, especificamente no Ensino Médio brasileiro. O objetivo é formular um guia para introduzir a pesquisa filosófica neste nível educacional. O ensino médio nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, estimula, entre outras atividades, a pesquisa científica, tal como está na lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008, que institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e cria os Institutos Federais (IFES). Entre suas finalidades e objetivos, busca realizar e estimular a pesquisa científica aplicada e estimular o desenvolvimento do espírito crítico.

Assim, os Institutos Federais (IFES) abrangem três dimensões no seu trabalho educacional e científico: o ensino, a pesquisa e a extensão. Contudo, os professores não são obrigados a contemplar as três modalidades, ficando a critério de cada professor realizar suas atividades, considerando uma ou mesmo as três modalidades em suas práticas. É fundamental considerar a perspectiva da pesquisa no ensino básico e técnico dentro de uma dimensão educativa mais ampla. Essa proposta pode ser incorporada como um viés de trabalho para o novo ensino médio¹, que, além da disciplina de Formação Geral Básica, visa desenvolver projetos integradores de ensino e um projeto de vida.

A proposta da Base Nacional Comum Curricular (2018) visa trabalhar os conteúdos de forma interdisciplinar e por área do conhecimento. Nesse contexto, a filosofia está inserida na ampla área de Ciências Humanas e suas Tecnologias, juntamente com as disciplinas como história, geografia e sociologia. No entanto, observamos um esvaziamento do conteúdo curricular filosófico, pois os materiais didáticos fornecidos não apresentam um conteúdo robusto de filosofia, mas apenas resquícios de um pensamento crítico vinculado à história e a temas contemporâneos.

Diante disso, é crucial que a comunidade filosófica desenvolva estratégias para garantir que temas filosóficos continuem no currículo de forma inovadora e estimulante, mesmo quando abordam questões de ordem social. Além disso, também é perceptível uma redução na carga horária destinada à formação geral básica, acompanhada por um aumento na carga horária de

¹O governo Lula através do Ministério da Educação propôs uma reestruturação do Novo Ensino Médio, com a recomposição da formação geral básica para 2,4 mil horas, exceto para cursos técnicos, além da redução de itinerários formativos.

projetos integradores de ensino. Isso demanda a elaboração de estratégias que permitam a utilização eficaz dos temas filosóficos, sem perder de vista a interdisciplinaridade. A filosofia, como disciplina escolar no ensino médio regular, presente apenas no ensino médio, ainda possui materiais didáticos que abordam a história da filosofia. Esses materiais didáticos fornecidos no ensino médio regular tratavam dos períodos e dos filósofos considerados relevantes nas respectivas correntes filosóficas, o que faz com que os alunos absorvam os conteúdos de forma mecânica e predominantemente histórica. Dessa maneira, o ensino de filosofia é muitas vezes reduzido a um mero cumprimento das exigências curriculares.

Este trabalho, apresentado no formato de um guia de iniciação à pesquisa filosófica, tem como transcender a formação geral básica dos IFES e se integrar também às propostas dos projetos integradores do novo ensino médio na educação regular. Inicialmente aplicado no Instituto Federal do Pará, o guia também se apresenta como uma possibilidade de prática de pesquisa no ensino de filosofia, e aliando-se ao novo ensino médio nas escolas públicas regulares, atendendo também o que pretende o novo ensino médio, como proposta de projeto integrador dentro da grande área de Ciências Humanas e suas Tecnologias, sem que a filosofia perca sua essência questionadora e a sua capacidade de estimular o espírito crítico.

A contribuição deste guia se concentra na iniciação à pesquisa filosófica, através de sugestões de itinerários que promovem o contato direto com obras de filósofos mais acessíveis ao público jovem. Assim, possibilita-se que o estudante perceba a pesquisa como um caminho de ensino-aprendizagem relevante para sua formação e a vida. O guia reconsidera a relação entre estudante e docente de filosofia, destacando o importante papel do professor na orientação e direcionamento da pesquisa, que poderá, a critério do docente, ser utilizado no ensino de filosofia regular, quanto na modalidade de pesquisa dentro dos Institutos Federais, Ciência e Tecnologia (IFES).

1.1 Problema de pesquisa

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) - Campus de Conceição do Araguaia – tem adotado um currículo voltado para a uma formação conteudista e histórica, o que tende a levar os estudantes ao desinteresse crescente pela disciplina. Embora seja fundamental ensinar conteúdos que esclareçam e elucidam teorias e correntes filosóficas do passado, é igualmente importante reconhecer que a abordagem exclusivamente tradicional não é suficiente para estimular desenvolvimento do espírito crítico nos alunos.

Vale ressaltar, portanto, que são necessárias implementar estratégias que demonstrem aos estudantes que a filosofia não é apenas mais uma disciplina, mas um conhecimento vivo e

relevante na atualidade, e que pode ser utilizado para pensar diversos problemas, contextos e situações que atingem a contemporaneidade, mas sem desconsiderar temas de natureza universal. Também, vale salientar que tratar de metodologias de ensino é complexo, uma vez metodologia que funciona adequadamente em um modelo de escola pode não funcionar do mesmo modo em outro modelo, e essa variação pode ocorrer até mesmo dentro de uma mesma instituição, levando em conta o contexto da especificidade de cada sala de aula. Sabe-se que, por exemplo, que as metodologias aplicadas em turmas diurnas nem sempre são suficientemente adequadas para as turmas de períodos noturnos, isso acontece em função diversidade do atendimento dos públicos e os diversos contextos atendidos no exercício da docência.

Assim, o problema de pesquisa que motiva e orienta a elaboração deste guia é: de que maneira as aulas de filosofia podem ser utilizadas não apenas para ensinar a história da filosofia ou abordar temáticas que desenvolva o espírito crítico de forma superficial, mas também estimular e orientar o estudante no uso de uma metodologia de iniciação a pesquisa filosófica no ensino médio? Como a metodologia de iniciação à pesquisa poderá ser aplicada no IFPA de Conceição do Araguaia? Como essa metodologia pode contribuir para formação de espíritos críticos?

1.2 Hipótese

A hipótese levantada é a de que a metodologia atualmente empregada seja ineficaz e insuficiente para o desenvolvimento adequado de um estudante que, saiba além de formular questões filosóficas, tenha, como apoio da pesquisa filosófica ainda no ensino médio, com maiores possibilidades de construir um pensamento crítico e autônomo. Portanto, é importante ressaltar que a solução dada não resolve o problema em sua complexidade e totalidade, mas busca contribuir de maneira significativa nessa resolução.

Sugere-se, portanto, que o aluno receba instruções específicas sobre como realizar essa iniciação à pesquisa filosófica, através de uma metodologia que será apresentada em formato de guia. Esta metodologia oferecerá os passos necessários para que o estudante seja orientado pelo professor, não apenas sobre como proceder ao ler um texto filosófico, mas também sobre como avançar, relacionando o texto lido com outras realidades, autores e obras, iniciando, assim, sua caminhada rumo ao desenvolvimento do pensamento crítico e autônomo.

1.3 Delimitação de Escopo

O presente trabalho tem a intenção de contribuir para a formação filosófica no ensino de filosofia, partindo de uma experiência realizada no âmbito de um Instituto Federal, e apropriando-se das contribuições de teóricos como Kant, Locke e Descartes

Ademais, pretende-se correlacionar os autores base com autores secundários que tratam da iniciação à pesquisa filosófica, tais como: Dominique Folscheid, Jean-Jacques Wunenburger, Frédéric Cossutta, Jacqueline Russ, Josef Pieper, , Mario Ariel Gonzales Porta.

Após a pesquisa bibliográfica, busca-se seguir com a pesquisa documental, a qual pretende analisar os relatórios obtidos pelo professor aplicador, sem a necessidade direta com os alunos participantes. Neste processo, o professor da instituição aplicará ao método sem a interferência do autor do guia, o que permitirá, também, a identificação dos problemas enfrentados no ensino de filosofia no interior desta Instituição.

A experimentação do guia será primeiramente aplicada nos alunos do 3º ano do ensino médio pelo professor colaborador da pesquisa, partindo da leitura e pesquisa em obras filosóficas, delimitando o quantitativo de alunos participantes. A partir do momento em que o professor colaborador aplicar a intervenção, poder-se-á reafirmar que a presença do autor do guia é irrelevante, e que o método será capaz de sustentar por si desse só, levando em conta apenas o direcionamento. Assim, será possível demonstrar que o método poderá ser replicado.

Depois de realizada toda a transição da metodologia histórica para uma abordagem crítico-prático, seguido da pesquisa bibliográfica, será a fase da elaboração do Guia de Metodologia de Iniciação à Pesquisa Filosófica. Neste guia conterà os passos metodológicos de como o aluno poderá ler um texto filosófico e aprofundar na compreensão de um texto filosófico. Esse material comporá o terceiro capítulo da dissertação e servirá como guia para o professor orientar o aluno. Após a criação do método, que será aplicado pelo professor colaborador, serão recebidos relatórios dos resultados obtidos através da experimentação.

1.4 Justificativa

Ao longo de minha trajetória docente, que se desenvolve há alguns anos, iniciei minha atuação na escola IEMUC – Instituto de Educação Mundo do Conhecimento, uma instituição privada onde ministrei aulas de filosofia e de sociologia. Posteriormente, adquiri experiência

como docente temporária no IFPA, durante dois anos, e também tive a oportunidade de ser docente horista eventual na UEPA (Universidade do Estado do Pará) e, mais recentemente, na esfera pública estadual. Essas experiências me proporcionaram a oportunidade de perceber a realidade do ensino de Filosofia em contextos educacionais no âmbito da esfera privada, federal e estadual. Diante dessas vivências, na área da Licenciatura de Filosofia, tanto no ensino médio quanto na graduação, nas redes privadas e públicas do município de Conceição do Araguaia, Estado do Pará, surgiu meu interesse quanto à forma de ensino-aprendizagem de Filosofia é abordado no currículo das escolas.

A importância da pesquisa reside na análise do modo de ensinar Filosofia, bem como na prática e atuação do exercício docente, pois visa identificar os conteúdos ministrados, elucidar e esclarecer o modo como são abordados em sala de aula e avaliar a eficiência dessa forma de ensino, que deveria gerar autonomia do estudante. A pesquisa é essencial para o ensino-aprendizagem, considerando que, por meio dela, os alunos são desafiados a resolver problemas filosóficos através de um caminho previamente formulado, que não se fecha apenas a esse método, abrindo espaço para pensar novas maneiras e abordagens na pesquisa filosófica.

Segundo Kant, “esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a capacidade de fazer uso de seu próprio entendimento sem a direção de outro indivíduo.” (Kant, p. 100, 1985). No entanto, é relevante reiterar que, para que o homem alcance a maioridade no sentido kantiano, ele precisa, primeiramente ser submetido às leis e à disciplina. Portanto, torna-se necessário pensar o ensino de filosofia para além da prática conteudista e histórica, considerando que não se aprende filosofia, mas sim filosofar. Desse modo, conduzir o ensino de filosofia é um desafio, e a mediação desse processo é decisiva, podendo, dependendo de como é conduzida, gerar aversão do aluno à disciplina por esse componente curricular.

A filosofia genuína é capaz de gerar desconforto, dúvidas, problemas e a busca por resolvê-los. Filosofia não se restringe ao conteúdo histórico das correntes filosóficas do passado, ela é o cerne e o ponto de partida de toda atividade intelectual. E somente a pesquisa organiza o pensamento filosófico de maneira a aplicar a atividade intelectual. É a pesquisa filosófica que define os passos, a metodologia e os objetivos de um determinado estudo, possibilitando, assim, alcançar os resultados. Abordando a filosofia a partir de seus problemas, Mario Gonzales Porta observa que:

É um mérito kantiano o haver chamado atenção sobre a diferença entre “ensinar conteúdos filosóficos” e “ensinar a filosofar”. Sem embargo (entretanto), sua introdução introduz mais problemas que soluções. Kant supõe que é possível ensinar a filosofia, ainda que, a partir dos seus pressupostos, não seja obvio que isso possa ser “ensinado” e em que sentido seja. Por outro lado, a pergunta principal fica de pé, se o ensinar filosofia nos remete ao ensinar a filosofar, e como se filosofa e como se ensina a filosofar ainda estão por ser esclarecidos (Porta, p. 21, 2003).

Assim, Porta (2003) nos remete novamente frente ao problema que Kant (1985) nos apontou, e o que justifica a pesquisa é a busca por um caminho possível, mais uma resposta de como se filosofa e como se ensina a filosofar no ensino médio. A pesquisa filosófica iniciada na fase do ensino médio trará consigo transformações no modo de pensar dos adolescentes, pois parte dos problemas da realidade cotidiana, do modo de ler e interpretar os autores, o que é transformador tanto para a pesquisa filosófica quanto para o ensino e aprendizagem de filosofia. Como alerta Pieper (2014), que o processo de filosofar começa “a partir de baixo”, questionando eventos encontrados na experiência cotidiana, e esse ato de filosofar, a partir da contemplação da realidade empírica, faz com que o aluno-pesquisador embarque no processo de entrada da maioridade kantiana.

O estudo é relevante, pois, apesar de ser um tema frequentemente debatido, a proposta de um guia com a metodologia de iniciação à pesquisa filosófica como resposta a essa pergunta é inovadora. Essa inovação tende a fomentar uma metodologia de pesquisa na escola. A intenção não é repetir o que já é feito na graduação e na pós-graduação, que são as fases da pesquisa em si, mas sim estimular a iniciação filosófica que possa ser inserida no ensino interdisciplinar da ampla área de ciências humanas e suas tecnologias.

Apesar de a proposta ter significativa relevância para o ensino médio, e de ser um tema frequentemente debatido, cabe ressaltar que existe complexidade no processo de ensino sob a perspectiva da pesquisa filosófica, começando pelas considerações dos procedimentos da escolha dos textos, da leitura, como também da síntese de todo o processo de estudo conceitual e seus desdobramentos no pensar. Assim, ainda que haja uma certa complexidade no processo, o guia com a metodologia pretende ser desenvolvido em linguagem simples e métodos acessíveis, para que possa ser aplicado e replicado não apenas no ensino médio técnico dos Institutos Federais, mas também em escolas do ensino básico, tornando-se uma proposta viável.

Os procedimentos do guia proposto têm o diferencial de promover a iniciação da pesquisa dentro da escola, com o processo orientado por um professor da área de filosofia. Diferentemente do PIBIC Júnior – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – aplicados ao ensino médio, que têm grande relevância, entretanto, acontecem com o lançamento de editais de ampla concorrência, o guia de iniciação à pesquisa filosófica pretende propor

pesquisas de temas filosóficos, utilizando as metodologias oriundas da filosofia e inserida no cotidiano da sala de aula.

A comunidade escolar e acadêmica tende a valorizar temas com relevância científica e social, principalmente aqueles que resolvem problemas práticos e materiais, no sentido utilitário da questão. Os temas que afligem a mente filosófica nem sempre estão conectados com essa realidade utilitária, o trabalho filosófico tem a ver com o admirável. Neste sentido, Pieper (2014), citando Tomás de Aquino, lembra que o filósofo tem afinidade com o poeta na medida que o *miradum*, o admirável, o que é digno de admiração.

Dessa maneira, o trabalho é motivado pela busca de aprofundamento em temas próprios da filosofia para os jovens, temas que englobam a existência, o eu, as interpretações do belo, os questionamentos mais profundos da mente humana. Estas são as tarefas do pensamento filosófico e do pesquisador em filosofia.

1.5 OBJETIVO

1.5.1 Objetivo Geral

Produzir em formato de guia uma metodologia de iniciação à pesquisa filosófica para o ensino médio, aplicado no Ensino Médio do IFPA – Campus de Conceição do Araguaia – e que sirva na aplicabilidade da educação básica, alinhada à perspectiva do novo ensino médio.

1.5.2 Objetivos Específicos

1. Expor as ideias dos filósofos Kant, Locke e Descartes acerca da educação filosófica, destacando a relevância da disciplina na formação dos sujeitos;
2. Expor as contribuições dos filósofos que abordam sobre a pesquisa filosófica de forma secundária, tais como Dominique Folscheid, Jean-Jacques Wunenburger, Frédéric Cosutta, Jacqueline Russ, Josef Pieper, Mario Ariel Gonzales Porta;
3. Elaborar um guia metodológico de iniciação à pesquisa filosófica para o ensino na educação básica, fundamentado na experiência do Instituto Federal do Pará, com o objetivo de desenvolver o espírito crítico e reflexivo dos alunos por meio de problemas filosóficos.
4. Aplicar experimentalmente o guia de metodologia, sob a orientação de um professor da instituição, e coletar relatórios de aplicabilidade da metodologia de iniciação à pesquisa

filosófica na rede federal de ensino, com foco específico no Campus de Conceição do Araguaia – PA.

1.6 METODOLOGIA

A metodologia do trabalho visa à construção de um guia que conterà os passos para a iniciação à pesquisa filosófica no ensino médio, aplicado a rede federal em forma estratégia didática direcionada aos alunos de iniciação científica. É importante destacar que o guia pretende orientar desde a leitura do texto filosófico, passando pelos passos para a sua compreensão, até os elementos da pesquisa filosófica, a fim de ser aplicado como método de ensino aos alunos. Os assuntos da história da filosofia serão utilizados como problemas de pesquisa, os quais deverão ser resolvidos pelos alunos, sob a orientação do professor, que, em posse do guia decidirá como utilizá-lo para realizar essa tarefa com excelência.

Este projeto tem o intuito de desenvolver a pesquisa que resultará na publicação de um guia com uma metodologia de iniciação a pesquisa filosófica no ensino médio da rede federal, o qual também poderá ser utilizado em toda a educação básica pública ou privada. O guia busca auxiliar o professor na tarefa de orientar o aluno através da pesquisa filosófica.

O papel do professor de filosofia é direcionar o pensar, despertar questões filosóficas, aplicar a lógica aos raciocínios, e estimular o senso crítico e a consciência filosófica. A atuação do ensino de filosofia é vital para a libertação e a emancipação do pensamento. A maneira mais adequada de alcançar esse objetivo é desenvolvendo uma metodologia de iniciação à pesquisa filosófica para o ensino médio. Na pesquisa filosófica, as questões são desenvolvidas de maneira sistêmica e metodológica, utilizando o método estrutural.

O primeiro passo da investigação consiste na pesquisa bibliográfica, que inclui a análise e leitura das obras de pesquisa filosófica. Após as leituras e análises das obras, será iniciada a confecção do guia, a estrutura deste será composta por duas partes principais: inicialmente, é necessário dominar a técnica para a leitura do texto filosófico, como pontua Conssutta (2001):

É de simples “bom senso” entender inicialmente o método como sendo os conselhos destinados a explicação do texto. O método, nesse caso, é constituído por um conjunto de receitas, de como fazer, que cada professor elabora ao generalizar seus próprios hábitos de leitura. O conselho mestre é formulado assim. “é preciso aprender a ler”, sem que nunca, no entanto, do colegial ao doutoramento, as regras de leitura sejam realmente explicitadas (Cossutta, p. 2, 2001).

Após o primeiro passo, que consiste em aprender as técnicas para a leitura filosófica, torna-se importante analisar cada conceito que se destaca presente na obra, bem como a orientação

para produção de fichamentos conceituais, os quais são fundamentais para compreensão do texto filosófico. Assim, compreende-se que o texto filosófico é singular, que leva o direcionamento sobre o estilo de escrita filosófica. Nesse processo, Jaqueline Russ (2010) ressalta que

O primeiro princípio diretor diz respeito à necessidade de uma leitura atenta, destinada a identificar os conceitos importantes, que desempenham um papel estratégico e a fornecer as definições de base desses conceitos. Porque sublinhar particularmente a leitura atenta? Em nossa cultura, formas de comunicação visuais ou auditivas relegam a segundo plano o exercício tradicional da leitura, cuja função central na boa condução dos exercícios filosóficos (Russ, p, 194, 2010).

Após a leitura atenta, utilizando todos os recursos necessários para definição dos conceitos, os alunos receberão as orientações sobre os passos metodológicos da pesquisa filosófica, possibilitando que o processo didático e permitindo que seja aplicado de forma optativa pelo professor do ensino médio. A metodologia e o guia de iniciação à pesquisa filosófica servirão como suporte e apoio para que os discentes encontrem caminhos na aplicação dessa metodologia de pesquisa filosófica no ensino médio.

1.6.1 Metodologia da Pesquisa

Considerando que a ciência é provisória e hipotética, e que os fatos observados não devem ser atestados ou afirmados, mas também experimentados, o método utilizado nesta pesquisa é o hipotético-dedutivo. Esse método parte de um problema ou conjectura relacionada à superficialidade dos conteúdos ministrados no ensino médio e o possível impacto no interesse dos alunos.

De acordo com Lakatos e Marconi (1991), o método hipotético-dedutivo segue os passos de Popper no processo investigatório. Inicia-se com a identificação do problema que surge, seguido pela solução proposta, que, neste caso é a aplicação do guia de iniciação à pesquisa filosófica para o ensino médio, e pelos testes de falseamento, que envolvem tentativas de refutação e procedimentos que consideram tanto a observação quanto a experimentação. Este método é empregado com o objetivo de aproximar a pesquisa científica da realidade, sendo a fase da testagem fundamental e vital para o sucesso do estudo.

A pesquisa é de natureza qualitativa e básica, incluindo bibliografias pertinentes ao método conceitual, centrando-se em três filósofos clássicos: Descartes, Kant e Locke, um que represente o racionalismo, outro que represente o empirismo e o criticismo. A escolha desses três teóricos se justifica pelas contribuições significativas que eles ofereceram para a educação contemporânea quanto a disciplina e organização do estudo em etapas e os impactos que os métodos deles têm sobre a prática filosófica.

1.6.2 Procedimentos Metodológicos

O presente trabalho foi desenvolvido por meio da pesquisa bibliográfica e, por se tratar de um estudo de natureza qualitativa, foi dividido em dois focos: investigação e produção. O objetivo é coletar os dados que subsidiarão os conteúdos a serem utilizados na elaboração do guia destinado aos discentes na iniciação à pesquisa filosófica do ensino de filosofia na rede federal. Esses dados serão coletados por meio de questionário aplicado aos discentes e docente efetivo de filosofia do IFPA. Após o período de tabulação, será realizado um estudo das obras de pesquisa filosófica:

A coleta de dados ocorrerá em diferentes etapas, a saber:

- 1) Leituras bibliográficas;
- 2) Aplicação de questionário e tabulação dos dados e proposição do guia ao docente da instituição;
- 3) Análise documental do relatório de pesquisa do professor da instituição;
- 4) Confeção do guia com a metodologia de iniciação a pesquisa filosófica para o ensino médio;
- 5) Aplicação através do professor da instituição (IFPA) e coleta dos relatórios.

Após a realização da pesquisa bibliográfica e a apresentação da proposta ao professor da instituição do guia de iniciação à pesquisa filosófica, o qual será utilizado para intervenção de forma indireta. Esse guia considera-se poderá ser aplicado por qualquer professor de filosofia que tenha manifestado interesse, sem a necessidade que o autor do guia esteja presente. Depois da intervenção indireta, será coletado o relatório de pesquisa, que permitirá a análise dos

possíveis resultados obtidos pelos alunos que foram submetidos nesta iniciação à pesquisa filosófica pelo professor de filosofia de IFPA, Campus de Conceição do Araguaia.

Essa metodologia empregada se justifica através da técnica de análise utilizada, que é a pesquisa-ação participativa, na qual o aluno que participante desempenha um papel transformador no processo de verificação das funcionalidades do método proposto. Como afirmam Marconi e Lakatos: “na pesquisa-ação participativa, considera-se que o sujeito da investigação tem capacidade de ação e poder transformador.” (Marconi e Lakatos, 81, 2018).

Utilizando os teóricos clássicos respectivamente: Descartes, Locke e Kant, o presente trabalho busca demonstrar a importância do rigor e da disciplina durante nos estudos, bem como e relevância de essa questão ser abordada junto aos alunos. Assim, os teóricos secundários, como Dominique Folscheid, Jean-Jacques Wunenburger, Frédéric Cossutta, Jacqueline Russ, Josef Pieper, Mario Ariel Gonzales Porta, são abordados para exemplificar a importância da pesquisa filosófica.

O guia contextualiza o método conceitual, o ato de filosofar, e a importância da leitura dos filósofos, considerando seus conceitos e sistema filosófico em que estão inseridos. Dessa forma, com base no conteúdo abordado e a junção do método cartesiano, da observação empírica dos fenômenos, do criticismo kantiano, será elaborado o guia de iniciação à pesquisa filosófica para o ensino médio. Este trabalho não pretende apresentar um método como sendo o único caminho possível, mas sim como uma alternativa educacional fundamentada com bases filosóficas.

1.7 Estrutura da Dissertação

O trabalho está organizado em três capítulos correlacionados. O Capítulo 1, Introdução, apresenta o tema proposto e as motivações do presente trabalho. Nele, foram estabelecidas a problemática, a contextualização do tema e a identificação do local em que ocorrerá a pesquisa, identificando os objetivos, bem como as limitações do trabalho.

O Capítulo 2 apresenta a fundamentação teórica, abordando com embasamento teórico a importância da disciplina para que o aluno pesquisador tenha êxito na iniciação à pesquisa filosófica. Nesse capítulo, são utilizados como referência um autor do racionalismo, um do empirismo e um do criticismo - respectivamente Descartes, Locke e Kant - relacionando esses clássicos da filosofia com os autores contemporâneos propostos.

O Capítulo 3 apresenta o guia de iniciação à pesquisa filosófica como uma estratégia metodológica. Esse guia que contará com contribuições dos autores clássicos e contemporâneos discutidos no trabalho, é inovador em sua estrutura, pois visa orientar o aluno desde a leitura filosófica até a produção do conhecimento a partir da pesquisa.

Na conclusão, são tecidos e apresentados os resultados finais do trabalho e as conclusões do mesmo, com o intuito de relacionar com os objetivos alcançados. Também são sugeridas possibilidades de continuação da pesquisa, desenvolvida a partir das experiências adquiridas com a execução do trabalho, que contará com análise documental da intervenção feita pelo próprio professor de filosofia, do IFPA.

2 O SENTIDO DA DISCIPLINA NA PESQUISA FILOSÓFICA

A pesquisa filosófica é uma etapa de estudo em que o aluno ainda precisa das instruções e da disciplina. Para responder adequadamente um questionamento filosófico, é fundamental que o aluno esteja bem orientado e instruído, e é justamente o que pretende esta metodologia, proporcionar um dos caminhos possíveis para que o processo de pesquisa filosófica culmine no ato de filosofar.

Segundo Pieper (2007), “filosofar consiste em uma ação na qual o mundo do trabalho é ultrapassado (...) O mundo do trabalho é dominado pelo objetivo de realização da “utilidade comum” (Pieper, p. 8, 2007). Portanto, assuntos que ultrapassam o mundo do trabalho são frequentemente considerados inúteis pela sociedade capitalista, porém sejam justamente esses conhecimentos e questionamentos que movimentam e impulsionam toda a vida intelectual filosófica.

Kant (1999) e Locke (1999), em suas obras, abordam sobre a relevância de que a educação se inicie com a disciplina. É recomendável que antes do guia ser aplicado, seja realizada uma conversa sobre a relevância da disciplina para o êxito da pesquisa filosófica. Em seguida, o guia trará os passos, instruindo e exemplificando a metodologia, para que se compreenda de que forma deve-se trabalhar os textos e problemas filosóficos de maneira coerente, consistente e metodológica.

Descartes (1979), em seu *Discurso do Método*, propõe quatro regras para a resolução de problemas e dúvidas filosóficas: a primeira é a regra da evidência; a segunda, a regra da análise; a terceira, a regra da síntese; e a quarta, a regra da comprovação. Estas regras podem ser aplicadas tanto para análises de textos filosóficos e resolução de problemas e dúvidas.

2.1 Disciplina em Locke

A proposta do guia de iniciação à pesquisa filosófica é o ponto de partida para essa investigação filosófica. O objetivo é preparar o educando para fazer prevalecer as exigências da razão. Locke (1999), em *Alguns Pensamentos Acerca da Educação*, sugere que uma educação plena deve considerar três elementos: o físico, o moral e o intelectual.

Embora, todos esses elementos sejam importantes, é na dimensão moral que se busca atingir virtudes através da formação de hábitos, disciplinando os desejos e inclinações que

surtem durante a vida. Para Locke (1999), a alma do homem é uma tabula rasa, razão pela qual recomenda iniciar precocemente a formação do indivíduo, disso depende o futuro de sua vida.

Além disso, Locke (1999) considera que, na educação, a instrução dos costumes éticos é mais importante do que o mero saber acumulado. O que diferencia um homem do outro é a educação. Ele também orienta sobre a relevância dos cuidados necessários para que o corpo permaneça forte e vigoroso, permitindo e possibilitando que a mente se incline ao que é adequado à dignidade e à excelência.

Dessa forma, a educação é para formar um corpo e uma mente saudável, em direção ao alcance da felicidade. “Uma mente sã num corpo sã é uma descrição curta, porém completa, de um estado de felicidade neste mundo” (Locke, p. 154, 1999). Para ele, ser feliz só era possível se o corpo e a mente estivessem saudáveis.

Locke (1999), também reitera sobre a necessidade de dar a devida importância para a disciplina, uma vez que a disciplina do corpo e da mente é alcançada a partir da capacidade do homem de suportar privações, capacitando-o, na vida adulta, a guiar-se por si mesmo, após ter sido guiado por um tutor ou professor na época do início da sua educação formal. “Assim como a fortaleza do corpo repousa principalmente sobre o ser capaz de suportar privações, o mesmo ocorre com a mente” (Locke, p. 165, 1999).

O estudo filosófico demanda, portanto, a exigência de uma disposição tanto física quanto mental, pois se inicia na superação da preguiça e do desinteresse. Para Locke (1999), é crucial que essa renúncia a si mesmo se torne uma prática constante, um hábito. Fazendo uma correlação da necessidade de disciplina no processo de pesquisa, considerando que as etapas envolvem esforço e o uso da razão, a falta de disciplina poderia trazer imensas dificuldades na trajetória de um iniciado na pesquisa filosófica.

Locke (1999), defende que a disciplina deve ser cultivada na educação do jovem o mais breve possível, pois, quando negligenciada na juventude, não se deve esperar que isso mude na idade adulta. E esses hábitos de disciplina, tanto de corpo e quanto de uma mente saudável, devem ser trabalhados desde a infância, ainda no seio da família.

Para alcançar uma educação *arguta*², Locke (1999) sugere que os jovens têm a necessidade de dominar suas inclinações, resistindo à importunidade da dor ou do prazer que se fazem presentes em diversos momentos da vida. A falta de resistência a essas inclinações pode impedi-los de ser bom em qualquer empreendimento que se proponha a fazer ou realizar.

Embora, seja naturalizado que a disciplina é uma forma de coerção severa, Locke (1999), alerta que os jovens não sejam humilhados, rebaixados ou debilitados, pois isso poderá fazer que se perca o vigor e engenhosidade. O ideal é um equilíbrio da mente do jovem, reconciliando as contradições, entre certa dose de liberdade e uma certa dosagem de disciplina que direcionem para um caminho virtuoso.

A disciplina não deve ser alcançada por meio de castigos e punições severas ou conquistado através do emprego do medo. Caso ocorra, o jovem pode desenvolver um tipo de disciplina escrava, em que apenas submete-se e simula obediência, embora só o faça enquanto estiver sendo vigiado pelo tutor, familiar ou orientador. Assim, a educação que recorre a punições muito severas ou repreensões frequentes deve ser evitado, esse tipo de correção tende a gerar vergonha e não contribuem para a educação de adultos sensatos, bons e argutos. Segundo Locke (1999), as repreensões são mais eficazes quando realizadas em palavras em tom sóbrio e sereno, e principalmente em particular.

Portanto, não adianta sobrecarregar a criança ou jovem com inúmeras regras, mas sim possibilitar que as boas práticas se tornarem hábitos, sendo mais eficaz trabalhar um hábito por vez. A prática da repetição, como o gosto pela leitura, por exemplo, deve ser como incorporada aos hábitos diários, dos quais deve-se manter a prática frequente para que haja uma consolidação.

2. 2 Disciplina em Kant

O filósofo moderno Immanuel Kant (1999) também fez reflexões sobre a educação, e a considera como uma arte que deve ser aperfeiçoada por diversas gerações. Para Kant, o homem necessita de disciplina para domar a selvageria que prejudica o caráter humano, tornando-se

² Para Locke a educação *arguta* é aquela que remete ao (ingenuous), que em primeiro sentido pode ser entendido como ingênua ou natural, mas no contexto de *Alguns Pensamentos Acerca da Educação* pode ser entendido como a busca pelo desenvolvimento da engenhosidade nos jovens.

assim um indivíduo culto, em conformidade com as práticas da prudência e da civilidade. Dessa forma, compreende-se que a educação kantiana não se resume em apenas treinar o aluno, mas também a capacitá-lo para que faça uso do seu próprio entendimento.

Dentre as fases do processo educacional apresentadas por Kant (1992) em *Sobre a Pedagogia*, destaca-se a árdua tarefa de trabalhar no desenvolvimento das disposições naturais do ser humano. Segundo ele, o homem não pode se tornar um verdadeiro humano senão por meio da educação. E esse é um processo longo que atravessa inúmeras gerações, sendo comprado a construção de um edifício. Quanto à formação do caráter, Kant (1992) adverte que, se o homem faz uma promessa, deve cumpri-la, pois apenas assim poderá confiar em si mesmo.

De acordo com Kant (1783), o que mantém o homem na menoridade é a preguiça e a covardia, e a falta de decisão de servir-se de si mesmo. O processo educacional é construído por meio do ato de tutela, em que se espera a direção de outro indivíduo mais bem instruído para alcançar o esclarecimento. No passado se pagava para conseguir essas instruções através do livros, e dos médico ou se buscava religiosamente a instrução de um padre, e não é diferente no cenário atual, jovens procuram respostas prontas para suas dúvidas e inquietações através da internet, da inteligência artificial, dos coachs, padres, pastores e de inúmeros outros instrumentos contemporâneos que viabilizam e perpetuam a condição da menoridade.

No processo de educação moral, o aluno compreende que precisa domar suas emoções, seus afetos e seus desejos, algo vital para o indivíduo avance rumo a saída da menoridade. A chave para isso é saber discernir o momento em que ainda se precisa da instrução e quando se deve alcançar a autonomia.

Kant (2018) ressalta a importância da disciplina na formação do jovem, a disciplina para ele significa correção, a restrição da liberdade sem regras. Além disso, disciplina, de acordo com Kant (2018), também envolve coerção, mas não uma coerção servil, ao contrário, é uma coerção em que a educação e liberdade estão adequadas à idade do indivíduo.

A arte ou o ensino pode ser de duas formas: positiva e negativa, impedindo e transmitindo. A forma negativa é a instrução para evitar que não se introduzam erros (...) O lado negativo, tanto na formação quanto na instrução da criança, é a disciplina (...) O homem deve ser disciplinado, pois ele é, por natureza bruto e selvagem (Kant, p. 501, 2018).

Inicialmente, a disciplina assume um caráter proibitivo, exigindo atenção e obediência às regras. Essa introdução nas regras tem como objetivo prevenir defeitos e é, em essência, um

processo puramente mecânico. Posteriormente, segue-se a fase da educação moral, na qual o indivíduo desenvolverá a capacidade de pensar de maneira autônoma e tomar decisões sobre sua conduta na vida.

Para Kant (1996), a educação desempenha um papel fundamental e contribui para abastecer a fonte do bem no mundo. Ele considera que o homem não possui uma disposição intrínseca para o mal, e que a ausência de disciplina pode gerar a inconstância, a preguiça ou a procrastinação. Contudo, tais desvios ocorrem devido à não submissão da natureza humana às normas sociais, pois, segundo o filósofo, não existem germes do mal no homem.

A importância da disciplina, para Kant (2019), é tamanha que, em *Lições de ética*, ele adverte: “o ser humano deve ter disciplina. Ele disciplina-se conforme as regras da prudência. Por exemplo, muitas vezes, ele tem vontade de dormir mais tempo, mas força-se a levantar, porque vê que é necessário (Kant, p. 317, 2018). Esse indivíduo age dessa maneira por ter sido ensinado na idade adequada, sobre a força das regras necessárias para seu desenvolvimento.

A disciplina, portanto, não é apenas necessária, ela constitui o ponto de partida para qualquer conquista humana. Conforme afirmou Kant (2018): “sem disciplinar suas inclinações, o homem não pode conseguir nada” (Kant, p. 230, 2018). A disciplina é o fator de maior relevância na pesquisa filosófica, pois é a partir desse domínio sobre si mesmo e sobre a capacidade do homem de se autogovernar que o estudo e a pesquisa mantêm a constância e possibilitam o êxito. Nesse sentido, a disciplina impede o homem de se desviar do seu destino e de sua humanidade.

No entendimento kantiano, o homem busca se desenvolver-se na ânsia pelo poder, fama e reconhecimento, e perceberá que isso só é possível por meio da liberdade. E ser livre, na visão de Kant (1992), é justamente não ser mais escravos de seus desejos, da preguiça e da indisciplina. Assim, ser disciplinado é evitar que o instinto animal prejudique o caráter humano. Além do alcance da disciplina, é essencial tornar-se culto e bem instruído, o que necessariamente é conquistada por meio do processo de aprendizagem das regras da prudência e, após isso, avance para a busca pela educação focada na moral.

Na educação física kantiana (2022), considera-se o desenvolvimento das disposições naturais como ponto de partida para a formação humana, no que concerne ao cuidado e à disciplina como propósito moral. A formação humana é constituída pela disciplina, pela cultura e

pela moralidade. Disciplinar-se de acordo com as regras da prudência é tornar-se verdadeiramente humano.

O uso da razão é o que faz o homem superar a ferocidade própria dos instintos e avançar rumo à civilização. Essa superação da animalidade implica em vencer os próprios desejos e preferências em nome da lei moral. Nesse processo, o indivíduo sente a inevitável resistência da sociedade, tolerando as privações necessárias.

Na idade adulta, espera-se que a disciplina, devidamente aplicada na infância, se transforme em autodisciplina. Esse processo de educação disciplinar não visa manter sempre o indivíduo sempre sujeito às ordens de outros, mas sim capacitá-lo para cumprir seus deveres para com a humanidade, a partir da autonomia e da vontade.

Assim, o jovem, ao ser instruído para uma disciplina que o direcione aos estudos de iniciais da pesquisa filosófica, compreenderá a possibilidade de seguir determinados caminhos ao ser disciplinado, no sentido kantiano. Com a orientação do professor será corrigido, será em certa medida direcionado e corrigido e caminhará rumo ao pensamento autônomo, avançando, assim, em direção à maioridade kantiana, compreendendo o papel de um grupo de pesquisa e da relevância da caminhada conjunta com sua turma.

Assim como as árvores na floresta disciplinam umas às outras, posto que procuram o vento para o seu crescimento não próxima às outras árvores, mas acima delas, onde não obstruem o resto e assim crescem igualmente até o topo, uma árvore em campo aberto cresce totalmente atrofiada, sendo, depois disso, tarde demais para discipliná-la. Se ele é disciplinado cedo, cresce reto com os outros, mas se isso é negligenciado, ele permanece uma árvore atrofiada (Kant, p. 503, 2018).

Kant (2018) utiliza dessa metáfora tanto na obra *Lições de Ética*, quanto em *Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*, para ilustrar a compreensão de cooperação social para uma constituição civil que possua inclinação do crescimento coletivo, resultando em um melhoramento da humanidade. Assim, além do aluno além de ser disciplinado no sentido kantiano, possibilitará a compreensão da necessidade de estar em contato com outros alunos pesquisadores, pois um estimula o crescimento do outro, promovendo um crescimento coletivo e contínuo.

2. 3 A importância do método para Descartes

O método cartesiano visa recomeçar tudo novamente para estabelecer um pensamento firme e constante, sendo o primeiro passo a destruição de todas as opiniões pré-existentes. Nesse

propósito, Descartes (1983) percebe que tudo que havia considerado como verdadeiro e seguro até então foi adquirido através dos sentidos, embora tenha chegado à conclusão de os sentidos são enganosos.

Descartes (1983), recorda-se de como, inúmeras vezes, foi iludido por seus sonhos e, a partir disso, começa a duvidar e questionar a existência, pensando que está poderia ser apenas uma sensação gerada por um deus enganador. Nesse contexto, ele cogita que tudo que é conhecido como verdadeiro, como a existência do corpo, da terra, da figura, da extensão, poderia ser apenas uma criação dos sentidos. Ele também leva essa linha de pensamento às últimas consequências, pensando que talvez ele próprio seja apenas um escravo que aproveita de uma liberdade imaginária, e que essa liberdade possa nada mais que apenas um sonho.

A dúvida, é uma necessidade para o pesquisador em filosofia. E corresponde como a tarefa primordial da pesquisa, essa dúvida se manifesta, na maioria das vezes, como um problema ou uma questão central a ser resolvida. Por isso, Descartes (1983) se mostra indispensável na abordagem desse tema, pois o trata de maneira tão profunda que chega a supor que todas as coisas percebidas pelos sentidos sejam falsas. Com a sua dúvida hiperbólica, ele destaca a importância de questionar todas as crenças, inclusive aquelas que estão enraizadas no mais íntimo do espírito humano, e, em meio às inúmeras dúvidas levantadas, ele questiona sobre si própria existência.

Mas o que eu sou, portanto? Uma coisa que pensa. Que é uma coisa que pensa? É uma coisa que dúvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente. Certamente não é pouco se todas essas coisas pertencem à minha natureza. Mas por que não lhe pertenceriam? Não sou eu mesmo que duvida de quase tudo, que, no entanto, entende e concebe certas coisas (...) Haverá algo em tudo isso que não seja tão verdadeiro quanto é certo que sou e que existo (Descartes, p. 9, 1983).

A única verdade clara e distinta a que Descartes chegou inicialmente foi sobre si mesmo: O *cogito, ergo, sum*³, (penso, logo existo). Assim, antes de se chegar a alguma conclusão, é

³ O cogito é a primeira certeza da filosofia cartesiana. O cogito, ergo sum é uma expressão em latim, e quer dizer que ao duvidar de algo, estaria pensando. E se existe a dúvida, o pensamento também existe. Logo, se penso, também existo.

necessária a dúvida, sem a qual não é possível adquirir, organizar e analisar o conhecimento filosófico.

A contribuição do método cartesiano para a iniciação na pesquisa filosófica é notável, uma vez que toda pesquisa, seja ela de ordem científica ou filosófica tem sua origem no problema, que, na maioria das vezes, se apresenta de forma imatura como uma dúvida ou uma questão. A filosofia cartesiana não apenas destaca a relevância do questionamento, mas indica caminhos para adquirir conhecimento filosófico, organizá-lo e enumerar seus desdobramentos, além de analisar repetidas vezes esse saber alcançado, com o surgimento de novas perguntas.

Descartes (2019), em *Discurso do Método*, menciona maneiras de organizar o pensamento ou a busca da compreensão de um assunto específico por meio de um esquema organizacional. Primeiramente, é preciso que a ideia seja clara e distinta, sem que houvesse ocasião para colocar em dúvida. No trecho da *Principia Philosophia* (1964), Descartes esclarece o termo de “visão forte ou clara”, referindo-se àquilo que é percebido sob uma grande luz.

Após a ideia, o julgamento ou a coisa ter alcançado clareza, o passo seguinte que Descartes (2019) propõe é dividir as dificuldades em tantas parcelas possíveis e necessárias para encontrar uma resolução adequada. Percebe-se aqui que o pensamento do racionalista no que se refere ao método, é aplicável na pesquisa filosófica, sendo oportuno dividir em partes as dificuldades de uma obra ou de uma pesquisa em diversas partes, até que estejam sanados os pormenores de um estudo e resolvidas as questões.

Segundo Descartes (2019), o próximo passo para ordenar o pensamento e resolver possíveis dificuldades e dúvidas é começar pelos objetos mais simples ou mais fáceis, e, em seguida, continuar até chegar aos objetos mais complexos. Essa fase do método é útil para a pesquisa filosófica, pois, ao considerarmos investigar os conceitos e ideias mais simples de obra, possibilitam a compreensão das ideias mais complexas contida nela.

Por fim, Descartes (2019) orienta fazer enumerações e revisões tão completas e tão gerais quanto possível, para ter certeza de nada ter sido omitido em seu julgamento daquele conhecimento. Assim, entende-se a importância de revisar e reavaliar o conhecimento filosófico após o estudo minucioso de uma temática ou autor específico da filosofia.

É evidente que a filosofia cartesiana não pretende analisar obras de filosofia de outros autores na construção do método. No entanto, para a iniciação a pesquisa filosófica de alunos que ainda estão no ensino médio, a aplicabilidade do método cartesiano forma implícita no guia, poderá contribuir e se mostrar útil na trajetória dos iniciados em filosofia.

3 GUIA DE INICIAÇÃO À PESQUISA FILOSÓFICA

O guia de iniciação à pesquisa filosófica temo como objetivo contribuir para o entendimento, análise e reelaboração do pensamento por meio do estudo de textos filosóficos. Este propõe-se a utilizar textos filosóficos que sejam compatíveis com realidade do ensino médio, aplicando em seguida uma metodologia de iniciação à pesquisa filosófica.

Considerando que os Institutos Federais possuem três modalidades educacionais: ensino, pesquisa e extensão, caberá ao professor possibilidade de aplicar essa metodologia na pesquisa, com a elaboração do projeto de pesquisa, seguido pela apresentação de projeto ao comitê científico e seleção de alunos específicos, também é colocado como sugestão a possibilidade de trabalhar a iniciação à pesquisa no ensino, com o objetivo de envolver todos os alunos do 3º ano. Além disso, sugere-se a possibilidade de replicar essa metodologia no ensino básico, embora existam dificuldades em envolver tantos alunos na pesquisa filosófica.

3.1 A Leitura Filosófica

A leitura é o ponto de partida para a iniciação filosófica, sendo imprescindível que o estudante pesquisador busque cultivar uma relação íntima com os textos de filosofia. Nesse contexto, é fundamental que haja clareza e compreensão de como deve ocorrer a leitura adequada. Aparentemente, a leitura é uma atividade simples, contudo, é essencial fazer a distinção dos gêneros textuais, como literatura e poesia, em que a criatividade não está necessariamente ligada obrigatoriedade de racionalização, e visa apenas provocar emoções e surpresa no desenrolar das tramas. Existe a possibilidades de ler literatura ou poesia de um modo filosófico, mas é necessária essa distinção de gêneros quando se trata de pesquisa filosófica.

Para a leitura de um texto filosófico, faz-se crucial ressaltar o uso da disciplina kantiana mencionada no capítulo anterior. Pois segundo Folscheid e Wenenburger (2002), a leitura atenta de um texto filosófico é desesperadamente lenta, que resulta em duas dificuldades, por ser vagarosa, pode-se ter a impressão de não avançar, enquanto um romance pequeno pode ser lido duas horas, um texto filosófico de igual extensão pode demandar semanas de leitura atenta e

cuidadosa. A segunda dificuldade reside de que na tentativa de esmiuçar um texto filosófico, corre-se o risco de perder-nos em fragmentos e detalhes que ocupam várias micro reflexões.

Nesse sentido, a orientação de Kant (1992), quanto a instrução para a disciplina, é extremamente útil, deve-se, portanto, definir dias e horários específicos para a leitura, mantendo a constância e assiduidade. Para alcançar a clareza e distinção cartesiana, conforme pontuado por Descartes (2019), em seu método, é fundamental iniciar e manter o ritmo da leitura filosófica.

Não existe filosofia sem a retomada da herança da razão deixada pelos escritos dos pensadores que antecederam nossa existência. A história da filosofia é fundamental, não apenas para aprender os fatos históricos, mas para efetivamente iniciar o processo do filosofar. “Desde a aprendizagem da língua materna, a educação se faz uma retomada de herança. Nesse sentido, todo leitor comporta-se normalmente como vampiro. Se você vier a ser a filósofo, será por sua vez vampirizado. Essa é a lei da espécie (Folscheid; Wenenburger, p. 7, 2002).” Assim, o pesquisador em filosofia não deve abster-se de uma relação íntima com os escritos filosóficos.

A leitura filosófica dos textos não se restringe como um meio de conhecer a filosofia, mas, segundo Folscheid e Wenenburger (2002), conta principalmente como meio de iniciação ao pensamento, conhecer para pensar em primazia, e não apenas conhecer pelo o conhecer. Nesse ponto, a leitura não pode ser apenas mera acumulação de conhecimentos; devendo conduzir ao pensamento, ao ato de ruminação, ao pensar, ao digerir e repensar, agindo para fortalecer as reflexões e, em seguida, abrindo o caminho para o surgimento de novas questões.

Vê-se que a leitura dos textos filosóficos cumpre duas missões ao mesmo tempo, que jamais devem ser separados: não há conhecimentos filosóficos sem iniciação filosófica, não há iniciação sem retomada de pensamentos já advindos. Entre as duas, há uma defasagem. Como iniciar-se para melhor conhecer, se é preciso também conhecer para iniciar-se? (Folscheid; Wenenburger, p. 10, 2002).

Os pensamentos advindos a partir da leitura são essências para repensar os conceitos, não há possibilidade de uma iniciação filosófica sem conhecimento e a retomada da leitura. Ler um texto filosófico é pensá-lo, e abrir-se a oportunidade de repensá-lo novamente.

Dada a relevância dos textos filosóficos, é indispensável garantir o acesso às obras e aos textos de filosofia. A preocupação prioritária deve ser a observação e a verificação da biblioteca que está disponível para os alunos pesquisadores. E em caso de dificuldades, quando é essencial buscar soluções; como a utilização de textos em formato digital para facilitar o acesso. Nesse contexto, também se é relevante conhecer a realidade dos alunos, e estar ciente de suas condições materiais, pois se algum dos alunos participantes não tiver acesso a um dispositivo móvel

ou computador em casa, deve-se fornecer material impresso ou utilizar o laboratório de informática, o fundamental é garantir a inclusão todos os alunos envolvidos.

Quanto ao material utilizado, é igualmente relevante a seleção dos textos filosóficos adequados à pesquisa. Caberá ao professor realizar a seleção de textos contidos no projeto de pesquisa, se possível, iniciar essa introdução de conteúdo com textos clássicos que fundamentam a filosofia em suas bases, seguindo para o tema da pesquisa, garantindo a abordagem não seja demasiadamente complexa.

A progressão para textos mais herméticos deve ser gradual, pois avançar para textos, como por exemplo, textos de Hegel ou Kant, privilegiar os textos fundamentais, quiçá os clássicos gregos, podem aumentar sobremaneira a dificuldade de compreensão dos alunos. O professor poderá escolher dentre os *Textos Básicos de Filosofia*, da coletânea de Danilo Marcondes, que reúne textos introdutórios de filosofia, ou textos que tem relação com o que será trabalhado no semestre, dando preferência a livros com linguagem acessível, condizendo com o perfil do aluno de ensino médio.

3. 2 O Processo de Leitura

Recomenda-se iniciar com a leitura impressiva, que não se encontra sobrecarregada de preocupações técnicas. O objetivo dessa primeira leitura é apreender e ideia geral e o problema que está sendo apresentado pelo autor do texto. Feito isso, deve-se proceder á leitura explicativa, que procura buscar compreender o significado das palavras e frases, priorizando os conceitos que exercem a função de organização interna, encontrando o sentido e as hierarquizações do discurso contido no conjunto da obra.

Assim, ao iniciar a leitura filosófica, é fundamental tomar notas, ou seja, escrever sobre o que se está sendo lido e anotar os pontos relevantes da leitura de acordo com a reflexão pessoal. Ler é pensar e repensar ideias usando o próprio raciocínio. Embora, anotar aparente ser uma atitude simplista, considerando a rapidez com que mente humana pode esquecer o que foi lido ou estudado, anotar é crucial para à pesquisa filosófica, não podendo ser ignorado no processo de leitura.

As fichas de leitura são primordiais para o bom andamento da leitura e são exclusivas e pessoais do leitor. Cada pesquisador encontrará sua própria maneira de anotar as ideias; alguns podem organizar mapas mentais; outros podem simplesmente anotar citações e comentar cada uma delas; outros podem também anotar om abreviar termos ou podem simplesmente resumir

tudo de forma geral, ampla e abrangente. Não existe um só método de tomar notas, o ideal é que cada leitor pesquisador encontre seu modo de registrar o que está sendo lido.

Quanto mais esclarecedoras forem as anotações, melhor será o uso delas futuramente, pois o aluno-pesquisador em filosofia terá à disposição seu próprio rol de leituras e aprendizados de maneira a facilitar o acesso posterior, para o bom andamento da pesquisa. É essencial sempre anotar com precisão o autor, o nome da obra, a página e o ano de edição da obra.

Porta (2014) exemplifica que bons hábitos de leitura tornam a produção mais proveitosa, na maioria das vezes em que são encontrados obstáculos na fase da escrita ou produção, isso ocorre simplesmente porque a leitura não foi suficientemente organizada e satisfatória. Nesse processo de leitura, Porta (2014) também adverte sobre dois erros comuns na leitura, são eles: o periodismo filosófico e o literaturicismo.

O periodismo filosófico trata do fato de que compreender que um texto filosófico não é mera narração de fatos, no qual se relatam eventos; o objetivo do texto filosófico também não é comunicar notícias e informações. O literaturicismo busca distinguir o texto filosófico do texto literário, pois nem sempre um pensamento bem elaborado precisa ser escrito de maneira grandiosa e magnífica, simples notas podem conter conhecimento filosófico da mais elaborada razão e elevada complexidade.

Inicia-se pela produção da ficha de leitura, segue a sugestão do seguinte o modelo:

FICHA DE LEITURA DE TEXTO FILOSÓFICO

Título da obra:	
Autor:	
Ano que foi escrita:	
Local que foi escrito:	
Ano de publicação e editora:	
Período da filosofia:	
Corrente filosófica:	
Breve resumo:	

Citações importantes:

Informações sobre o autor:

Sugestão de modelos para tomar anotações:

Modelo 1

Planejamento de Leitura

Início da leitura:	Livro:	Autor:
Data:	Páginas lidas:	Do que se trata:
07/06/24	05-10	
08/06/24		
09/06/24		
10/06/24		
11/06/24		
12/06/24		

13/06/24		
14/06/24		
15/06/24		
16/06/24		
17/06/24		

Modelo 2

TOMAR NOTAS

LIVRO:

AUTOR:

**EXPLICAÇÃO APÓS
REUNIÃO COM O PRO-
FESSOR:**

AUTOR, PÁGINA E ANO:	Citações que apresentaram dificuldades para ser compreendidas:	Explicação:
Exemplo: Porta, p. 90, 2014		

O processo de leitura filosófica organiza-se da seguinte forma:

Processo de Leitura	Questões
<ul style="list-style-type: none"> • Leitura Impressiva 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a ideia geral do texto? 2. Qual o problema está sendo apresentado pelo autor?
<ul style="list-style-type: none"> • Leitura Explicativa 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais são os conceitos e frases que se destacam na obra? 2. Qual o sentido da obra? 3. Existem hierarquizações organizacionais na obra? Se sim, quais?

3.3 A compreensão do texto filosófico

O aluno pesquisador poderá elaborar fichas conceituais sobre a obra que está sendo lida, autor ou sistema filosófico em estudo. O fichamento conceitual se revela como uma ferramenta útil valiosa, uma vez que considera os conceitos específicos utilizados pelo o autor e o sentido atribuído a esses conceitos dentro da obra em questão. Por exemplo, o conceito de liberdade não terá o mesmo significado para Sartre e para Hegel, visto que são autores distintos que representam correntes filosóficas próprias, além de mencionarem o conceito em diferentes épocas e contextos históricos e sociais.

Compreender um texto parece uma tarefa simples para aqueles que se dedicaram na leitura atenta, minuciosa, com anotações, com ficha de leitura e tiver se dedicado a fazer fichamentos conceituais. Porta (2014), explica que na maioria das vezes que há entendimento do que foi lido, o leitor tende a repetir o conteúdo de uma maneira literal ou parafraseá-lo de acordo com a sua própria linguagem, fazendo o trabalho de reproduzir o que foi lido com suas próprias palavras. Entretanto, a compreensão de um texto não se limita à mera repetição, mas envolve um certo grau de tradução daquilo que foi lido.

No entanto, não é qualquer tradução que constitui um entender. Para que o seja, ela deve representar um ganho em relação ao original; deve ser mais explícita, e, inclusive, se possível, mais clara e até mais precisa, que aquele. Justamente porque na tradução se explicita o texto, todo texto tem, em princípio, infinitas traduções, não existindo uma que não seja definitiva (Porta, p. 57, 2014).

Por meio da tradução que o autor tanta enfatiza, possibilitará a existência e a capacidade de explicar o texto de maneira simplista para pessoas de qualquer escolaridade, desde aquelas que receberam apenas a educação básica até doutores. Além disso, ao realizar essa tradução, que não é apenas linguística, torna-se possível identificar similitudes, diferenças e identidades do tema em relação a outras teorias e pensamentos, o que é particularmente essencial na filosofia.

Compreender um texto filosófico está para além de repetir, parafrasear ou traduzir, é preciso encontrar o sentido, que é o elemento central ou ponto chave para que todos os demais aspectos e desdobramentos do texto se articulem em torno dele. O sentido está contido no próprio texto, é aquilo de que trata o conjunto da obra. Como afirma Porta (2014), “O sentido do texto nunca está oculto ou para além do texto, mas presente nele, ainda que nem sempre de um modo explícito. O que o autor “queira dizer”, ele o disse (Porta, p. 58, 2014).” Desse modo, encontrar o sentido do texto dependerá somente de uma leitura atenta.

Cabe ao leitor atentar-se para o sentido do texto, que se encontra no cerne da obra, tudo ali contido está atrelado a esse grande significado ou a esse sentido central. E quando esse sentido é alcançado, o texto pode ser explicado de uma maneira mais significativa e esclarecedora. Nesse ponto, as ideias do texto tornam-se claras e distintas, como elucidado por Descartes (2019), em seu método, da necessidade de nunca acolher alguma coisa como verdadeira o que não se conhecesse evidentemente como tal e que não deveria ter nenhuma chance de colocar em dúvidas.

Porta (2014) orienta que, para entender um texto filosófico, é necessário estar atento aos termos técnicos da obra. Porque assim como a medicina, a biologia e a física, a filosofia possui vocabulário próprio, no qual determinadas palavras têm significados distintos dos habituais. Uma vez que esses significados são alcançados, a compreensão será exitosa e possibilitará a submissão da obra que está sendo estudada a uma nova tradução técnica.

A familiaridade com os termos contidos em uma obra filosófica produz no estudante a ilusão de que ele realmente compreende o conteúdo do texto, entretanto, palavras do uso corrente podem ter outro sentido. Para superar esse obstáculo, que trava o entendimento do texto, é necessário, primeiramente procurar pelo significado do termo dentro do próprio texto em que é citado, ou em outras obras que estão dentro do sistema filosófico do mesmo autor. Quando

esgotados esses recursos, é relevante o uso de dicionários de filosofia, e após encontrar o significado do termo técnico específico, restará saber o sentido atribuído ao termo pelo o autor em particular.

O método conceitual é o diferencial de uma pesquisa filosófica aprofundada, pois são os conceitos bem claros e definidos que fazem a compreensão se elevar ao nível de entender a totalidade do texto. Essa totalidade é a junção de palavras e significados com a intenção de transmitir uma reflexão ou mensagem específica, que caracteriza o discurso filosófico.

Nosso conhecimento surge de duas fontes principais da mente, cuja primeira é receber as representações (a receptividade das impressões) [a percepção], a segunda, a faculdade de conhecer um objeto por meio destas representações (espontaneidade dos conceitos) [a inteligência]; pela primeira um objeto nos é dado, pela segunda, é pensado em relação com essa representação (como simples determinação da mente). Intuição [entende-se aqui no sentido de ‘ato de percepção’] e conceitos [no sentido de produto construído pela inteligência] constituem, pois, os elementos de todo o nosso conhecimento, de tal modo que, nem conceitos sem uma intuição de certa maneira correspondente a eles, nem intuição sem conceitos podem fornecer um conhecimento. (...) Pensamentos sem conteúdo sensível são vazios, intuições sem conceitos são cegas (Kant, p. 57, 1980).

O método conceitual kantiano pode ser aplicado na iniciação à pesquisa filosófica como uma ferramenta eficiente para a compreensão do texto filosófico, que é um modo de estudar, de identificar os significados das palavras dentro do sistema filosófico do autor em análise na pesquisa. Segundo Kant (1980), o conhecimento como uma reunião entre a intuição, que é ato de percepção, e os conceitos, que representam o sentido, ou significado construído por meio da inteligência.

A seguir, apresenta-se um modelo de fichamento conceitual de acordo com a última citação.

Livro: <i>Crítica da Razão Pura</i>	Conceitos:	Significado:
Autor: Immanuel Kant	Representações	Receptividade das impressões.
Ano: 1980	Percepção	A faculdade de conhecer um objeto por meio destas representações.
Editora: Abril Cultural	Intuição	Ato de Percepção.
	Conceito	Produto construído pela inteligência

Assim, sucessivamente.

Cunha (2013), utiliza-se do método conceitual, observa que a tradição é transmitida através de textos, existem, portanto, tradições orais, escritas e de comportamento. O texto é o veículo pelo qual a filosofia mantém viva, ao perpetuar a transmissão da tradição filosófica. Por texto, Cunha (2013), entende:

A palavra texto significa *tecido*. Por isso é que se fala em indústria têxtil para se referir à indústria de tecidos. No caso, porém, de textos, no sentido dos objetos especiais que transmitem pensamentos e documentam tradições, a aceção de tecido dá-se em outro contexto. Texto, nesse caso, significa, não a composição de fios, mas a *composição de significados por meio de entrelaçamento físico de sinais apropriados* (Cunha, pg. 52, 2013).

Assim, o texto, tal como tecido, é a junção dos significados e documenta a tradição filosófica, seus desdobramentos, avanços, problemas diversos, pensamentos e reflexões de filósofos de todas as épocas. E isso somente é possível pelos inúmeros conceitos empregados nas obras. Como analisa Cunha (2013):

A inteligência elabora ‘conceitos’, procurando os significados essenciais das coisas, aqueles capaz de organizar os dados sensoriais dispersos em um sentido compreensível. De fato, elaborar conceitos a partir de fatos e valores relativos à experiência humana é a característica principal das investigações filosóficas. Por isso a pergunta básica de todo filosofar: o **que é isto?**, ou, o que é o mesmo, **qual o conceito disto?** Exemplos: O que é a *cadeira* no seu conteúdo essencial, ou qual é *cadeiridade* da cadeira? O que é *tigre*, ou qual é sua tigridade? O que é homem, ou qual a sua humanidade? (Cunha, p. 51, 2013).

De acordo com o dicionário Houaiss (2010), “conceito” significa a explicação de ideias por palavras, e o objetivo do método conceitual é justamente fazer o caminho contrário; encontrar as ideias que está contida na palavra, ou nas palavras. Para isso, é fundamental entender o contexto, a época em que o texto escrito, as influências que autor teve pra chegar a tal expressão, a temporalidade das palavras e o uso peculiar de cada autor.

Tendo ultrapassado e superado os significados, caberá ao aluno-pesquisador, juntamente com o seu professor orientador, retraduzir o texto filosófico, substituindo os termos técnicos pelo sentido específico. Desse modo, será possível alcançar um maior grau de entendimento dos momentos que ocorrem o problema, a tese e argumento no texto filosófico, sem o qual o aluno-pesquisador não conseguirá avançar.

Todo aluno novato quer começar por discutir a verdade da tese do texto, por “dar sua opinião”, a qual, entretanto, só é legítima depois de entender o texto, nunca antes. Se ela for precipitada não só será ingênua, como se tornará um obstáculo para a correta compreensão (Porta, p. 71, 2014).

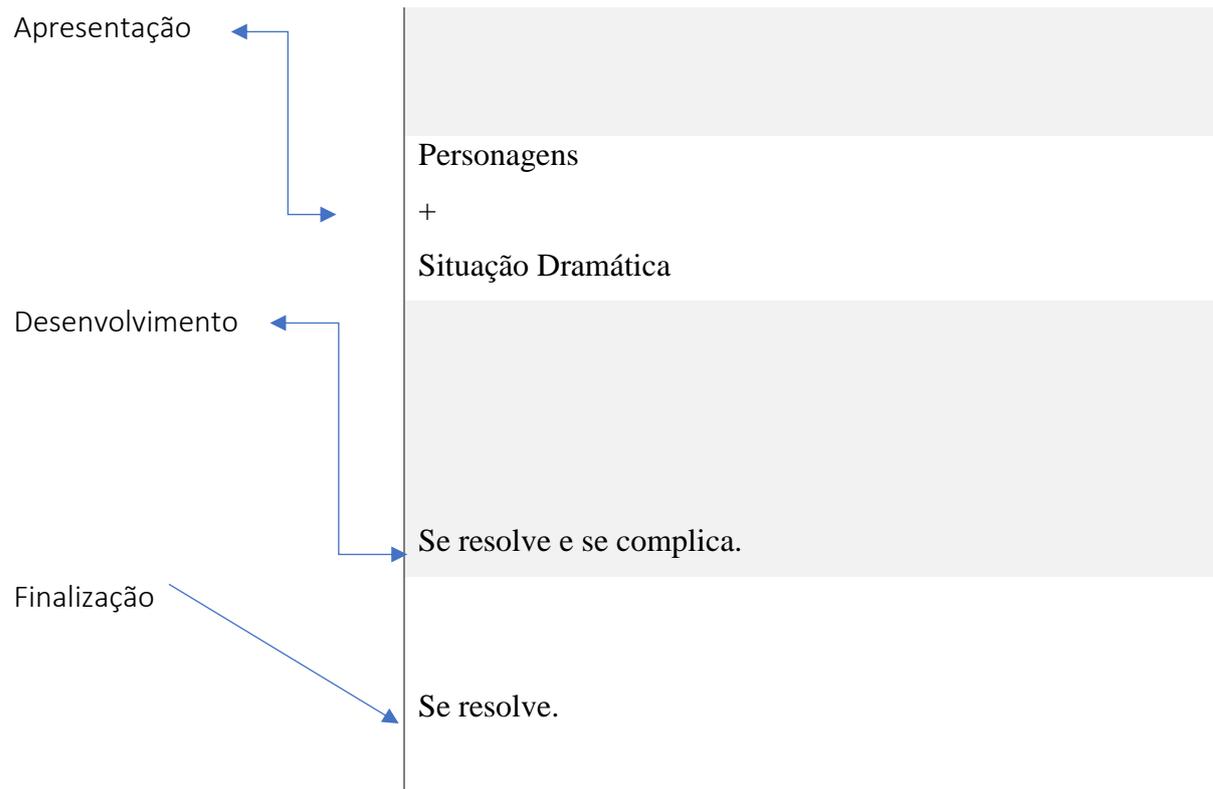
O entendimento do texto filosófico influenciará em todos os outros da pesquisa. Emitir opiniões antes do trabalho de entender os pormenores da obra poderá levar a uma compreensão imatura, que se apresentará como um obstáculo nas próximas etapas, uma vez que estas dependem unicamente das etapas iniciais. De acordo com *Minidicionário Houaiss* (2010), “método”, significa o procedimento, técnica ou meio para se atingir um objetivo, e também processo organizado de ensino, pesquisa, apresentação. Assim, o método é meio específico de se esforçar para encontrar o que se procura. Este guia de metodologia á pesquisa filosófica é estritamente conceitual.

Os textos filosóficos, são de um modo geral, dissertativos, embora textos narrativos também possam considerados, dependendo do conteúdo e de sua função. Para melhor interpretação e compreensão de textos deste gênero, é importante lembrar que o texto é uma obra humana, situada em um tempo histórico, remetendo ao contexto político-cultural do autor.

Além de levar em consideração esse tempo histórico do texto que está sendo lido, analisado e compreendido, é vital um sistema de organização para melhor visualizar e explicitar as ideias. Observe esse exemplo de maneira metacientífica, através da citação do Cunha sobre o uso do esquema como recurso para a compreensão (2013):

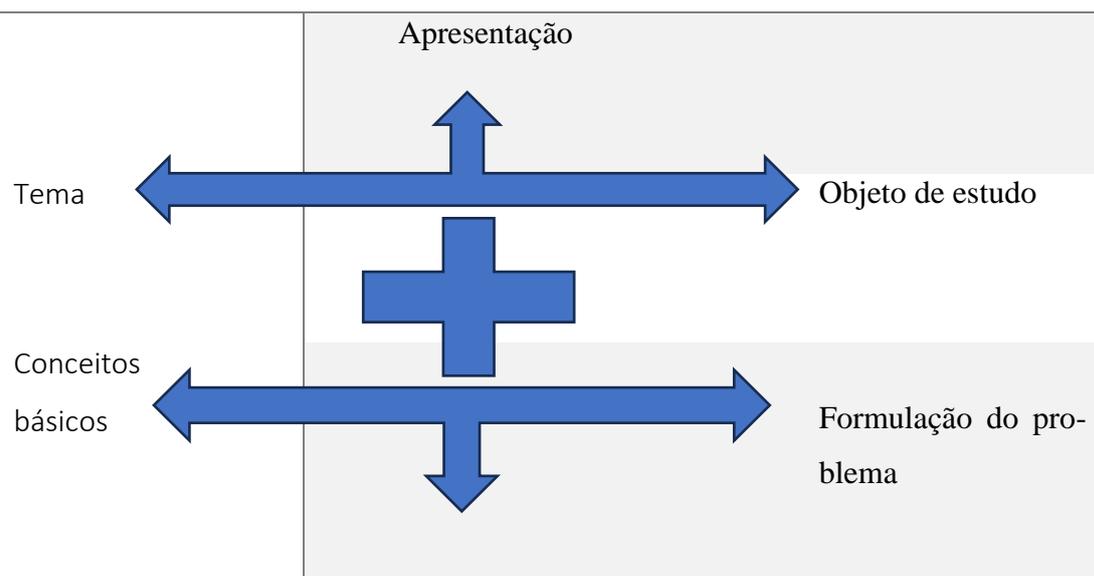
Na **estrutura narrativa**, apresentação é o momento em que os personagens são caracterizados e em que se arma a situação dramática. No desenvolvimento, a situação dramática se define e se complica; na finalização, ela se resolve. Na **estrutura dissertativa**, a apresentação é o momento em que se define o tema e o objeto do estudo por meio de seus conceitos básicos e se formula o problema que será tratado. No desenvolvimento, o problema é analisado, e o objeto explicado em função das relações lógicas que descrevem o seu funcionamento; na finalização, a solução é proposta, discutida, comentada (Cunha, p. 60, 2013).

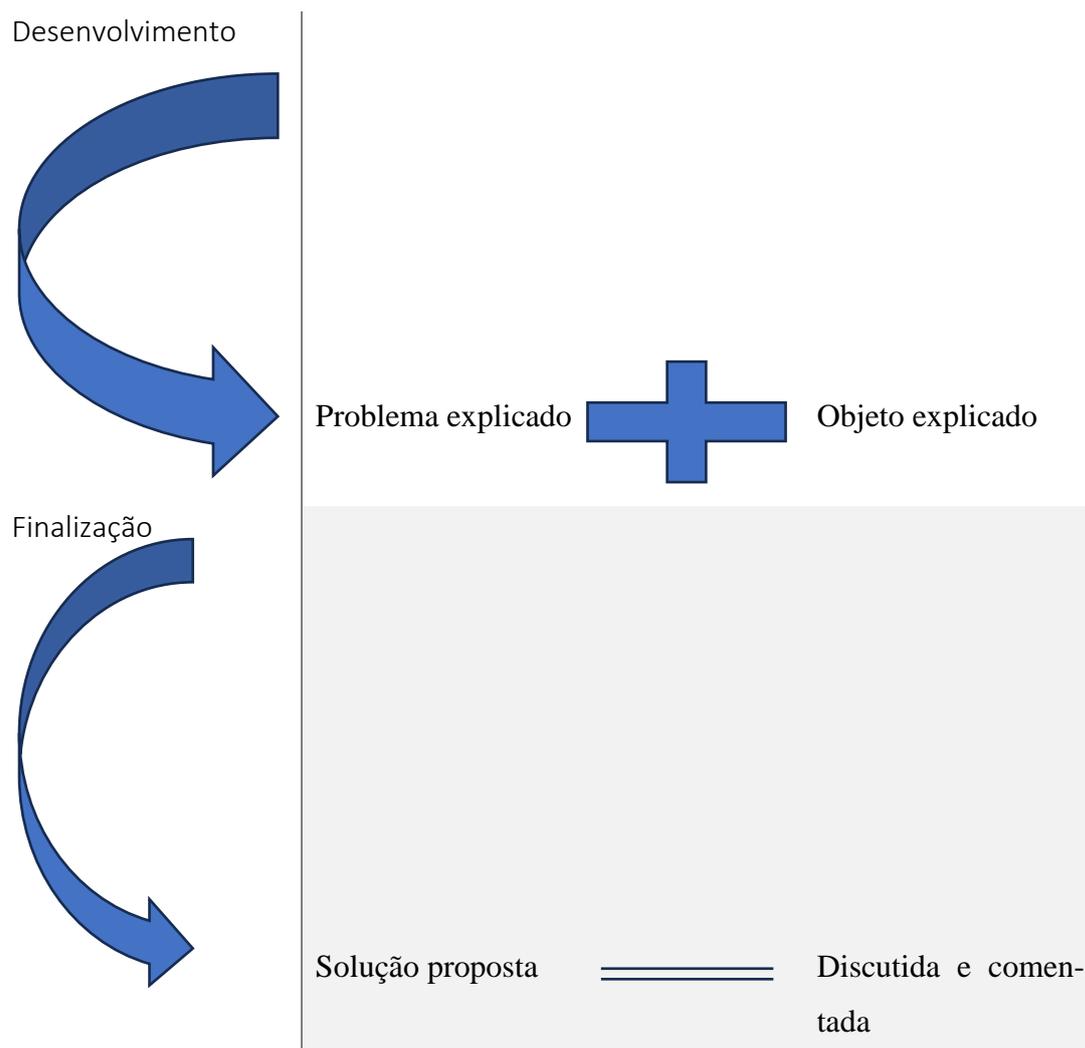
Observe agora um exemplo da citação acima sendo organizado através de um esquema simples, que pode ser utilizado quando outras obras estiverem sendo analisadas:



Veja agora outro estilo de esquema sobre a estrutura dissertativa:

Estrutura Dissertativa





Os mapas conceituais cumprem a função de exemplificar o texto de uma maneira lúdica. O exemplo acima elenca maneiras para se montar um mapa conceitual, através de recursos gráficos, setas e tracejados entre as expressões. Os significados das junções entre as palavras e expressões, bem como os resultados, conferem mais organização ao pensamento contido na obra ou citação que está sendo analisada.

3. 4 Analisando o texto filosófico

Analisar um texto filosófico é, antes de tudo, obter a ideia central e geral contida na obra. Essa análise pressupõe uma leitura aprofundada, em que se compreende a ideia e se busca encontrar o encadeamento lógico daquilo que a sustenta.

Cunha (2013) recomenda que, na etapa compreensiva de um texto filosófico, é indicado ler o texto procurando suas subdivisões, como se no texto houvesse um subtítulo implícito que

contivesse a ideia geral do texto, e, por conseguinte, a constituição do tema. Geralmente, o tema é encontrado de maneira indireta em todo o corpo do texto.

Após entender o tema, faz-se relevante selecionar as palavras mais densas em as outras em volta. Essas palavras são separadas e anotadas, para que se busque os conceitos de cada uma delas.

Tendo encontrado os conceitos das palavras e expressões que se destacam no texto, busca-se encontrar a relação de afinidade ou proximidade entre elas. Nessa fase, pode-se produzir um mapa conceitual, que, além de ser uma ferramenta gráfica que se encarrega de encontrar os elos entre os conceitos e seus possíveis resultados, também servirá como organização do pensamento do autor. Além disso, mostra-se uma técnica eficaz de memorização do que está sendo estudado.

Cunha (2013) ressalta a importância de que, na última fase da análise, o leitor possa construir um rascunho do pensamento do autor, através de um rascunho que remonta toda a organização do pensamento filosófico de determinada obra. Primeiramente, pode-se observar onde começa e onde termina a apresentação, depois como se desenvolve o assunto e a finalização do texto lido. Obtendo-se assim um esquema, que é estrutura de ideias ou recuperação da intenção comunicativa presente no texto, possibilitando a reconstrução da experiência mental do autor.

Para ir mais a fundo na análise de uma obra filosófica, cabe observar o problema que fica implícito ou explícito no texto. Às vezes, esse problema vem sob forma de situação-problema. O texto tenta resolver esse problema e gira em torno dele e para identificar o problema, é necessário observar.

Um 'problema' é interrupção do fluxo das interpretações familiares, quando algo não se encaixa onde seria de esperar que o fizesse. Também pode ser dito que problemas constituem necessidades de saber, nascidas de alguma curiosidade orientada por uma busca de certezas justificadas ou de interpretações verídicas. Um problema de texto dissertativo pode ser apresentado explicitamente sob formas de questões, ou implicitamente sob a forma de situação-problema (Cunha, p. 65, 2013).

Identificar o problema ou situação-problema possibilitará uma compreensão mais aprofundada do texto que está sendo estudado. Todo o desenvolvimento da obra tem por finalidade responder ou resolver o problema inicial. Quando se tem essa noção, observa-se que o texto filosófico de cunho dissertativo tem uma característica inigualável, que diferente dos textos que têm intenção de encantar, alimentar a imaginação e o interesse nos romances, crônicas e contos.

O texto filosófico busca tratar problemas racionais de maneira argumentativa e ao encontrar a resolução do problema, perceber as novas questões que surgem a partir dessa resolução.

A seguir, apresenta-se os passos da análise de um texto filosófico.

Quadro de análise do texto

Encontrar a ideia central:	
Perceber o encadeamento lógico que sustenta a ideia central:	
Encontrar os conceitos:	
Encontrar relação de afinidade ou proximidade entre os conceitos:	
Produção de mapa conceitual:	
Identificar o problema ou a situação-problema:	
Como o problema foi resolvido pelo autor:	
Questões em aberto:	

3. 4. 1 Explicação e diálogo sobre o texto

Vencida a fase da análise filosófica do texto, nota-se que a necessidade de socialização da obra com os demais colegas da turma e com o professor. Aqui, o estudante de filosofia deixa de fazer uso privado da razão, para, de forma kantiana, iniciar-se no uso público da razão. Tendo lido a mesma obra caberá aos alunos apresentar seus fichamentos, rascunhos e esquemas uns para os outros.

Esse momento será novamente de aprendizagem, visto que, apesar do conteúdo da obra ser o mesmo, inúmeras perspectivas enriquecem a compreensão, ainda que o escopo principal

seja repetido. Essa repetição também ajudará na memorização do que foi aprendido com a leitura da obra.

Essa é a última fase da análise, pois compreenderá em enumerações cartesianas completas. Nesse ponto, cabe fazer uso de proposições do autor e analisá-las juntamente com toda a turma. Essas proposições são frases de maior peso dentro da obra e que devem ser discutidas, tanto utilizando os argumentos do autor, quando procurando novos argumentos que possam validar essa proposição como verdadeira, como nos direciona Cunha (2013):

No texto lido, você deverá ter enumerado, pelo menos, as seguintes proposições: a. “Tudo é água”, ou, “A água é a origem e o seio materno de todas as coisas”. b. “Tudo é um”. C. “As generalizações filosóficas não são refutáveis pela experiência empírica, isto é, pelos dados da observação experimental”. Considerando que o encadeamento dessas proposições entre si, e com outras que lhe são coerência e sustentação, constitui o que se chamou de argumento, e que a finalidade de um argumento é justificar a posição defendida, ou seja, a tese, tem-se que coração de um fichamento é o resgate dos argumentos. No texto lido a tese principal pode ser apresentada sob a forma proposição 3 acima. (Cunha, p. 66, 2013).

Portanto, o entendimento do encadeamento lógico entre as proposições levará a justificação da tese principal. Esse encadeamento pode ser apresentado para os demais colegas de turma como um grande esquema da obra ou até mesmo um fichamento. Independente do método utilizado, o objetivo é aprender uns com os outros.

3. 5 Produção do relatório de pesquisa

Para finalizar a leitura filosófica e debater o problema que levou à pesquisa em determinada obra, faz-se relevante a produção filosófica. O presente guia de iniciação começará com um problema de pesquisa, que será esclarecido posteriormente pela pesquisa realizada. Nesse formato, o relatório de pesquisa tem a possibilidade de abarcar um domínio maior da pesquisa filosófica.

Em posse dos fichamentos das obras ou da obra em que ocorreu a pesquisa em mãos, o problema será esclarecido por variadas reflexões, podendo haver confronto em torno do problema, observando a perspectiva de diversos autores. O relatório é um trabalho objetivo que tem a função de mostrar a contribuição de cada obra e autor, bem como as divergências ou concordâncias entre os conceitos.

Evidentemente, o relatório não pretende discutir, mas sim esclarecer os diversos pensamentos e seus contrapontos. Quando se buscam os conceitos filosóficos dentro da pesquisa que

se inicia em forma de problemas ou enunciados, pouco interessa discutir cada um deles apenas para expor esta ou aquela opinião sobre a questão investigada na pesquisa, como pontua Deleuze (1992):

É por isso que o filósofo tem muito pouco prazer em discutir. Todo filósofo foge, quando ouve a frase: vamos discutir um pouco. As discussões são boas para as mesas redondas, mas é sobre uma outra mesa que a filosofia joga seus dados cifrados. As discussões, o mínimo que se pode dizer, é que elas não fariam avançar o trabalho, já que os interlocutores nunca falam da mesma coisa. Que alguém tenha tal opinião, e pense antes isto do que aquilo, o que isso pode importar para a filosofia, na medida em que os problemas em jogo não são enunciados? E quando são enunciados não se trata mais de discutir, mas de criar indiscutíveis conceitos para os problemas que nós nos atribuímos (Deleuze, pg. 41, 1992).

Portanto, o relatório de pesquisa terá função objetiva, focando nos resultados da pesquisa e seus desdobramentos, sem, no entanto, levar em conta as inúmeras opiniões que surgirão através do debate do tema. Apesar de o debate ser importante em momentos da filosofia, não é nele o que o relatório de pesquisa filosófica deve se centrar.

3. 6 Etapas da Metodologia de Iniciação à Pesquisa Filosófica

De acordo com as fases e etapas descritas neste capítulo, apresentamos o esquema que organiza a metodologia de iniciação à pesquisa filosófica para o ensino médio. Embora a leitura tenha sido colocada como a marcação do início do processo de pesquisa, é ideal que a motivação que leva a determinada leitura esteja posta em um problema ou enunciado. Esse enunciado deve ser simples, por exemplo, o conceito de amor na era clássica ou mesmo os tipos de amizade em Aristóteles, ou ainda: o que é disciplina em Kant? Perguntas ou enunciados objetivos e que demandam uma leitura aprofundada da questão.

A sugestão é que o problema ou enunciado seja definido na conversa entre o professor e o aluno no início da pesquisa, ao definir a questão a ser estudada. Ao definir a questão a ser estudada, o professor deve estar atento para que o tema da pesquisa esteja de acordo com o conteúdo programático do semestre. A partir desse ponto, é ideal que seja elaborado um projeto de pesquisa, juntamente com o professor, e nele deve-se selecionar os textos ou os capítulos em

que se iniciará a leitura aprofundada. Observe a seguir a tabela de etapas que esquematizara o percurso:

ETAPAS DA METODOLOGIA

Metodologia de Iniciação à Pesquisa filosófica

Etapa 1: Definição do problema	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Escolha do tema da pesquisa de acordo com o conteúdo programático do semestre; ▪ Problema ou enunciado objetivo; ▪ Fazer projeto de pesquisa simplificado.
Etapa 2: Definir textos e/ou capítulos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Escolha de textos filosóficos que tratam a temática elencada.
Etapa 3: Leitura Filosófica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Preencher ficha de leitura; ▪ Executar planejamento de leitura com cronograma; ▪ Anotar citações ou partes do texto que tenha encontrado dificuldade de compreensão; ▪ Responder questões de leitura impressiva; ▪ Responder questões de leitura aprofundada;
Etapa 4: Compreensão do texto filosófico	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Atentar-se para o sentido do texto; ▪ Fazer fichamentos conceituais; ▪ Elaborar esquemas e/ou mapas conceituais

Etapa 5: Analisando o texto

- Obter ideia central;
- Procurar subdivisões no texto;
- Focar nos conceitos ou expressões que mais se destacam;
- Construir resumo como se tivesse retomando toda a organização do pensamento do autor novamente;
- Diálogo e explicação sobre o texto;
- Responder quadro de análise do texto.

Etapa 6: Produção do relatório de pesquisa

- Retomar o problema ou enunciado com as respostas obtidas através da pesquisa;
- Elaborar relatório claro e objetivo.
- Escrita filosófica para publicação em revistas científicas.

Na primeira etapa, o professor deverá selecionar, se assim desejar, temas dentro do conteúdo programático do semestre e, em seguida, conversar com os alunos sobre os temas para que seja feita a escolha dentro do que é possível, levando em consideração os graus de complexidade da temática. Após a escolha, deve-se elaborar um projeto de pesquisa simplificado, focando no problema ou enunciado que será investigado. Essa elaboração não precisa ser densa e extensa, servindo apenas para organizar e clarificar o que está sendo estudado. O projeto de pesquisa deve conter, ao menos, a descrição e a delimitação do tema, a elaboração do problema, o objetivo geral, os objetivos específicos, a metodologia e o cronograma das etapas.

Na segunda etapa, o professor escolherá os textos que serão trabalhados na pesquisa de acordo com a temática ou problema de pesquisa. Estes livros ou capítulos devem estar incluídos nas referências bibliográficas do projeto de pesquisa. Deve-se atentar também para a disponibilidade e o acesso dos textos filosóficos selecionados, pois, às vezes, o aluno terá que recorrer

a leitura através de arquivos digitais. E nesses casos, deve-se levar em conta se os alunos têm acesso aos dispositivos eletrônicos.

Na terceira etapa, o professor terá que disponibilizar um tempo hábil para que a leitura aprofundada aconteça. Esse prazo deve estar expresso no cronograma e deve ser cumprido. O iniciante em pesquisa filosófica deve primeiramente se dedicar à leitura impressiva, depois a leitura aprofundada. O objetivo desta etapa é que alunos não leiam apenas superficialmente as obras. Aqui, será utilizada uma ou duas aulas para a dedicação na leitura ou serão definidos dias em que a leitura poderá acontecer em casa também.

O professor deverá decidir entre a leitura individual do texto ou a leitura conjunta, através de uma roda de leitura. Esse modelo de leitura escolhido deve se adequar à turma e ao professor, sendo que cada docente saberá identificar qual funciona melhor em sua própria turma. Assim, essa proposta não se fecha como um manual, mas apenas como um direcionamento. Um dos objetivos desta etapa é que os alunos tomem gosto pela leitura filosófica, e por isso será necessário tempo e foco nessa etapa do processo. É importante anotar tudo, desde a produção de fichas de leitura, do cronograma da leitura, como também as dificuldades encontradas nos textos lidos. Visto que no momento que for necessário retomar ou relembrar o texto, ter as fichas de leitura sempre à mão, funciona como uma forma de acesso rápido à leitura e a reflexão já feita anteriormente.

Na quarta etapa, começa a fase da compreensão. Aqui, é necessário atentar-se para o sentido do texto, sendo esta a fase mais relevante do processo que acontece. Nela, faz-se o fichamento conceitual da obra, esse fichamento é semelhante a um glossário, embora o que importa aqui seja encontrar o significado dos conceitos para o autor que está sendo lido. Anota-se o conceito e o significado, seguido do autor, ano e página. É algo simples, mas que fará uma enorme diferença na compreensão do texto filosófico em questão. Também poderá adotar a prática de fazer esquemas ou mapas conceituais, que tem a função de deixar a mensagem ainda mais clara por meio de símbolos e sequenciamento de pensamento.

Na quinta etapa, inicia-se a análise do texto, e, para que isso aconteça, é vital que o texto seja lido procurando a ideia central sobre a qual todas as outras ideias estão conectadas. Deve-se também procurar as subdivisões do texto para entender a sequência: introdução, desenvolvimento e conclusão. O texto como um todo poderá ser retomado, e deve-se construir um resumo com a organização que o autor deu ao texto, como se tivesse fazendo uma retomada do que o autor da obra pensou ao escrevê-lo.

Na sexta etapa, chega-se à fase final do processo de pesquisa filosófica, em que inicia a construção do relatório. Nesta fase, deve-se retomar o problema ou enunciado elencado no

projeto de pesquisa e discorrer sobre os resultados obtidos. O relatório poderá ser sucinto e objetivo, considerando os resultados e as conceituações dos autores sobre o problema investigado. Desse modo, deverá conter o tema tratado no texto, a possível conceituação do tema, se for o caso, distinguir o tema da tese, que é fazer diferença entre aquilo que trata o texto e aquilo que o autor afirma, elaborando uma possível problemática existente na obra.

Portanto, identificar o movimento que o texto faz a buscando as respostas e a resolução da problemática, para reconstruir a argumentação utilizada. O objetivo é que o aluno consiga extrair a mensagem do autor e explicar de forma clara e coesa o pensamento expressado no texto. Posteriormente, o aluno pesquisador poderá iniciar a escrita filosófica, que possibilitará a publicação de pequenos artigos em revistas científicas.

RESULTADOS E ANÁLISE

A metodologia de iniciação à pesquisa filosófica para o ensino médio IFPA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - trata-se de um estudo de natureza qualitativa e ocorrerá no Campus de Conceição do Araguaia, Sul do Pará.

A pesquisa foi realizada em dois focos: investigação e produção, com o intuito de recolher os dados que irão subsidiar os conteúdos que serão utilizados para tecer uma metodologia que sirva aos docentes como guia de iniciação à pesquisa filosófica do ensino de filosofia na rede federal e como possibilidade para o ensino básico.

Os Institutos Federais do Brasil (IFES) trabalham sob três perspectivas: o ensino, a pesquisa e a extensão. No entanto, os professores do ensino básico não são obrigados a trabalhar com as três modalidades, ficando a critério de cada professor optar por atuar apenas em uma ou mesmo nas três modalidades.

O Campus é localizado no bairro capelinha, próximo ao Rio Araguaia, e conta com um professor efetivo de filosofia, que atende 8 turmas de ensino médio integrado nas áreas de agropecuária, edificações e informática.

As aulas acontecem uma vez por semana em cada turma, com 50 minutos de duração. Isto ocorre porque a carga horária do professor é distribuída para ele trabalhar de forma optativa com pesquisa e extensão.

No momento, apenas duas dessas oito turmas estão no 3º ano do ensino médio. O público-alvo são alunos do 3º ano médio que foram selecionados pelo professor para o projeto de

pesquisa. Devido aos desencontros de horários, foi realizada uma amostra de diagnóstico em apenas uma turma, com um questionário de questões objetivas e subjetivas. Foi realizada também uma entrevista gravada com o professor efetivo de filosofia da instituição, que foi transcrita posteriormente.

Os resultados iniciais do questionário aplicado aos alunos do 3º ano médio integrado de Edificações – Turma com 26 alunos, dos quais 24 são frequentes e 21 estavam presentes no dia da amostra inicial da pesquisa.

Na primeira pergunta: Você se interessa por filosofia? 18 alunos responderam que sim e 3 alunos responderam que não. A segunda pergunta foi subjetiva: “Em ambos os casos, responda por quê?” A maioria dos alunos que responderam que sim, disseram que é porque é “interessante”, “questiona a realidade”, “aborda assuntos legais”, “discuti a realidade”, “porque é uma forma de compreender subjetivamente o eu”, “pois desperta vontade e prazer pelo conhecimento, o mercado de trabalho não é nada prazeroso”, “Faz a gente refletir e entender as coisas”, porque é incrível debater ideias divergentes”, “porque é uma matéria muito boa, faz a gente se sentir livre”, “porque remete ao conhecimento e curiosidade do ser humano”, “gosto de estudar nossos pensamentos”, “acho interessante estudar o comportamento humano”, “pois estuda vários aspectos sobre como ver a vida”. Houve apenas uma resposta confusa sobre a compreensão da filosofia: “acho interessante o estudo da psicanálise na filosofia”.

Os 3 alunos que responderam não disseram: “Mas eu gosto bastante da forma que ela é, bem interessante”, “acho uma matéria muito difícil de compreender e acabo me desinteressando”, “a filosofia não é uma área que me chama atenção”.

A terceira pergunta: “Você tem participado de pesquisas científicas orientadas por professores no Instituto Federal do Pará? Se sim, em quais áreas do conhecimento (disciplinas)?” 16 alunos responderam sim, 2 alunos responderam não, e 2 não responderam. A maioria disse que participa, mas apenas em projetos integradores, em Física, Biologia, Informática e pesquisa sobre concreto. Os que disseram que não havia participado ou não responderam, não especificaram situações ou motivos que os levaram a não participar.

A quarta pergunta: “Você já leu texto filosófico? Se sim, quais?” 8 alunos disseram que sim, a maioria citou textos embutidos em livros didáticos de filosofia. 6 alunos responderam que sim e citaram obras de filosofia, principalmente de Platão e de Nietzsche. 6 alunos responderam que não leram texto filosófico.

A quinta pergunta se tratava de um trecho de um texto básico de filosofia de Aristóteles sobre as duas espécies de excelência, extraído da coletânea de Danilo Marcondes: “como já

vimos, há duas espécies de excelência: a intelectual e a moral. Em grande parte, a excelência intelectual deve tanto o seu nascimento quanto o seu desenvolvimento à instrução (por isto ela requer experiência e tempo); quanto à excelência moral, ela é o produto do hábito, razão pela qual seu nome é derivado, com uma ligeira variação, da palavra “hábito”. É evidente, portanto, que nenhuma das várias formas de excelência moral se constitui em nós por natureza, pois nada que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito.” (Aristóteles) E pergunta foi: “O que você pensa e entende a partir deste texto?”

Sobre a quinta pergunta, 20 alunos responderam algo sobre o entendimento do trecho básico e 1 aluno não respondeu. Destes, 10 alunos deram respostas insatisfatórias, como a repetição do trecho apresentado com outras palavras ou respostas que não tinham nada a ver com o trecho. 2 alunos também tiveram respostas consideradas insatisfatórias: “não sei ao certo”, “não entendi nada, fui muito prejudicado pela pandemia”. 8 alunos deram respostas satisfatórias (apesar de rápidas e medianas) sobre o texto.

A sexta pergunta: “Quais os recursos mais utilizados nas aulas de filosofia do Instituto Federal atualmente?” 9 alunos responderam livro didático, 8 responderam internet, 8 responderam literatura filosófica. Nenhum respondeu filmes ou jogos. Ao perguntar sobre outros eles responderam: “Roda de Conversa”.

A sétima e última pergunta: “Quais dos recursos acima você considera mais importante para a compreensão do campo de saber de filosofia?” 6 alunos responderam literatura filosófica, os outros 15 alunos responderam: “todos”, “filmes” “internet”, “livros didáticos”.

A seguir, foi realizada a entrevista com o docente de filosofia por meio de áudio. “Segundo sua percepção da realidade, de 0-10 diga qual o nível de interesse na disciplina de filosofia?” Segue e transcrição da resposta na íntegra: “Bom, sobre a primeira pergunta, em geral, está na média de 8. Por quê que eu digo isso? Porque tem uma variação do 1º ano para o 3º, por exemplo, no 1º ano tem grande curiosidade pela a disciplina, no 2º ano o nível de interesse é 9, e no 3º ano, isso cai para 7.”

A segunda pergunta foi: “Você tem se sente estimulado para trabalhar pesquisa filosófica no ensino médio? Sim ou não, explique.” Resposta: “Me sinto estimulado para trabalhar pesquisa no ensino médio, o grande empecilho é a estrutura da instituição, porque, geralmente a instituição trabalha pesquisa aplicada, e ela estimula isso. Então, pesquisa básica, que trabalha com conceitos universais, como é o caso da filosofia, acaba não sendo tão estimulado pela

instituição. Então acaba que a pesquisa filosófica no ensino médio ela vai funcionar como uma introdução ao pensamento filosófico, aos textos filosóficos.”

A terceira pergunta foi: “Qual o recurso didático mais usado em sala de aula?” A resposta dada foi: “Normalmente os recursos didáticos utilizados são livros didáticos, textos não filosóficos, textos filosóficos e filmes.”

A quarta pergunta foi: “Qual frequência o texto filosófico é usado na aula?” Resposta: “O texto filosófico vem como uma complementação do conteúdo dado. Eu usei algumas vezes, geralmente são fragmentos, na medida que o sistema filosófico permita que você traga fragmentos.”

A quinta pergunta: “Algum aluno seu já mencionou ter lido um texto filosófico?” Resposta: “Sim, teve aluno meu que leu texto filosófico. Inclusive teve um aluno meu que se interessou pela Vida Feliz de Santo Agostinho completo no ensino médio, outros leram Nietzsche.”

A sexta pergunta foi: “Já trabalhou um texto filosófico em sala que não fosse o livro didático? Houve dificuldade de compreensão da obra ou trecho da obra por parte dos alunos?” Resposta: “Já trabalhei sim textos filosóficos em sala de aula, e, ai como eu disse, você pode trabalhar textos pequenos, no caso *A apologia de Sócrates* ou no caso do *Que é o esclarecimento?*, de Kant, ou você pode pegar fragmentos de textos, como eu havia citado a *Vida Feliz*, de Santo Agostinho ou o *Discurso do Método de Descartes* e trabalhar. Não são todas as obras filosóficas que permitem isso, por exemplo, não se vai se aventurar a pegar um trecho da *Crítica da Razão Pura* para trabalhar com aluno do ensino médio, pois são obras que exigem uma unidade do conteúdo, ou seja, todo conteúdo deve ser dado, uma visão sistêmica e geral da obra.”

O diagnóstico preliminar das respostas dos alunos mostrou que a maioria dos alunos afirmou se interessar por filosofia, mas menos da metade consegue compreender um trecho básico de literatura filosófica. Também indicou que as pesquisas realizadas no Campus de Conceição do Araguaia, são majoritariamente de cunho prático, sendo estas as que instituição mais estimula e fomenta. Em relação ao texto filosófico, mais da metade disseram que leram apenas os livros didáticos ou nunca leram literatura filosófica.

As respostas do professor estão em concordância com as respostas dos alunos, exceto o nível de interesse que ele analisa nos alunos do 3º ano médio, que discorda da resposta dos alunos. No entanto, foi perceptível a dificuldade de compreensão, por parte dos alunos, de um

texto básico de filosofia. O professor não parece tão estimulado a trabalhar com a pesquisa no nível médio, pela falta de estímulo na área.

Considerando os resultados do questionário e da entrevista, percebe-se a necessidade da elaboração de uma guia de pesquisa filosófica para Institutos Federais. O presente guia, apresentado neste trabalho, visa contribuir para a viabilidade de etapas e passos para a realização da pesquisa filosófica no nível médio.

O projeto de pesquisa foi elaborado pelo professor do Instituto e está presente nos anexos deste trabalho. O título do projeto elaborado pelo professor é: *Da dissensão do fanatismo político com relação a prudência e á moralidade*, a partir da obra *A paz Perpétua*, de Kant. O projeto foi elaborado em 9 de abril de 2024.

O projeto está vinculado ao Grupo Interdisciplinar em Humanidades, e um aluno foi selecionado para participar. Apesar de ter sugerido ao professor que fosse o projeto a aplicação do guia fosse realizado com uma turma inteira do terceiro ano médio, houve resistência por parte do docente de trabalhar com tantos alunos numa pesquisa filosófica.

Segundo o professor da Instituição, a pesquisa filosófica deve ser trabalhada com poucos alunos e, principalmente com aqueles que demonstram interesse. Logo após o início do projeto de pesquisa, uma greve foi aderida pelo Instituto Federal do Pará, o que dificultou em grande maneira a intervenção prevista para esse período. No mês de agosto de 2024, as aulas foram reiniciadas, mas é um momento de retomada dos conteúdos perdidos tanto de filosofia, quanto de outras disciplinas somadas as básicas e as do curso técnico.

O aluno selecionado já iniciou a pesquisa e está na fase da leitura impressiva e aprofundada. Dado o tempo necessário para essa fase e considerando que o orientando ainda tem que cursar as demais disciplinas atrasadas, a intervenção não poderá acontecer em sua totalidade.

Haja vista, também ocorreram outras limitações que, de certa forma, impediram a aplicação completa do guia. Primeiramente, no ano passado, os alunos do IFPA ficaram um longo período do ano sem professor, pois o professor efetivo estava terminando seu doutorado, e o processo seletivo de substituto demorou para acontecer, permitindo que o professor que fez a substituição atuasse apenas nos meses finais do ano anterior, que tinha muita coisa acumulada e para o professor resolver.

Depois do retorno do professor efetivo, foi elaborado um projeto de pesquisa para a realização da possibilidade de aplicação do guia, mas logo houve a greve nacional, o que dificultou em grande parte a aplicação integral do guia. No mês de agosto, as atividades de pesquisa foram retomadas, mas focamos na etapa da leitura impressiva e aprofundada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é fundamental considerar que o guia de Iniciação à Pesquisa Filosófica para Ensino Médio apresenta um método alternativo para se realização de pesquisas no nível médio. A experiência inicial parte do Instituto Federal, de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), uma vez que essa instituição de já tem, entre as suas finalidades, o estímulo à pesquisa científica e o desenvolvimento do espírito crítico. Em vista disso, o guia foi elaborado pensando na realidade dos Institutos Federais, embora possa ser considerado como uma proposta de inserção na educação básica regular, no contexto do novo ensino médio.

Assim, diante do esvaziamento dos textos filosóficos nos livros didáticos, o presente guia busca a retomada das leituras filosóficas e aplicação do guia nestas leituras para uma melhor compreensão dentro do processo de pesquisa. Desse modo, a filosofia, com sua essência questionadora, pode se tornar mais do que um componente curricular que pretende ensinar de modo histórico e superficial o pensamento dos filósofos.

Considerando o contexto apresentado, surge o problema: De que maneira as aulas de filosofia podem ser utilizadas não apenas para ensinar a história da filosofia ou abordar temáticas que desenvolva o espírito crítico de forma superficial, mas também estimular e orientar o estudante no uso de uma metodologia de iniciação a pesquisa filosófica no ensino médio? Como a metodologia de iniciação à pesquisa poderá ser aplicada no IFPA de Conceição do Araguaia? Como essa metodologia pode contribuir para formação de espíritos críticos?

A hipótese inicial é que a elaboração de um guia de iniciação à pesquisa filosófica, poderia contribuir para o estímulo do espírito crítico, por meio da orientação sobre como realizar pesquisas filosóficas, quais são os procedimentos de leitura e quais as ferramentas utilizadas para melhor compreensão dos textos filosóficos.

Dessa maneira, o objetivo geral do presente trabalho foi parcialmente alcançado, com a produção de uma guia de iniciação à pesquisa filosófica para o ensino médio, que foi parcialmente aplicado no IFPA por motivo de força maior.

Assim, os objetivos específicos que tratavam de expor a ideias de Kant, Locke e Descartes acerca da relevância da disciplina foram alcançados no segundo capítulo, bem como tratar de forma secundária os demais autores que discursam sobre pesquisa filosófica. O terceiro objetivo, relacionado à elaboração do guia também foi alcançado, embora tenham surgido

inúmeras dificuldades para a execução do quarto objetivo específico, trata-se de uma etapa que está em andamento, necessitando de tempo hábil para sua conclusão total. Dessa forma, abre-se a possibilidade para um trabalho futuro relacionado à aplicação total do guia.

O guia de iniciação à pesquisa filosófica foi elaborado como uma ferramenta para ser utilizada no nível médio. Assim, o professor da instituição ao analisar o conteúdo programático do semestre e elaborar um projeto de pesquisa em torno de uma problemática, o guia poderá ser aplicado para facilitar a pesquisa.

Inicialmente, foi fornecida uma orientação sobre as formas de como conduzir o processo de leitura, utilizando fichas de leitura, um planejamento estratégico das leituras e o hábito de tomar notas. Assim, começa-se pela leitura impressiva, seguida da aprofundada, juntamente com as anotações.

Em segundo lugar, foram elaborados passos para facilitar a compreensão do texto filosófico, desde o entendimento do sentido do texto até a elaboração de fichamentos conceituais, bem como de esquemas e mapas conceituais. Em terceiro lugar, foi organizada uma maneira de facilitar a análise do texto, iniciando pela identificação da ideia central, passando pela busca das subdivisões do texto e finalizando com construção de um resumo, como se tivesse retomando a organização do pensamento do autor ao escrever o texto.

Após essas etapas, deve-se elaborar um relatório de pesquisa, contendo a retomada do problema, juntamente com o esclarecimento se os resultados da pesquisa foram alcançados, de modo que o relatório seja objetivo e claro. Em seguida, surge a possibilidade depois de iniciar a escrita filosófica que deverá ser orientada pelo professor, visando à publicação em revistas científicas.

Como mencionado anteriormente, também foi realizada uma pesquisa por meio de questionário aos alunos e entrevista com professor efetivo da instituição, cuja conclusão é que realmente foi constatado que existe uma grande dificuldade dos alunos na compreensão de textos filosóficos. O presente guia foi elaborado para ajudar na resolução desse problema, mas não pôde ser testado integralmente, visto o tempo necessário para que essa aplicação ocorra.

É importante salientar que este não é o único modo de se fazer pesquisa no nível médio, contudo se apresenta como uma alternativa que pode ser eficaz para a manutenção e retomada das leituras filosóficas no ensino médio, além de se configurar e se apresentando como uma possibilidade de melhorar a compreensão das leituras e na resolução dos problemas que surgem.

4.1 Contribuições da dissertação

O trabalho contribui para a pesquisa no nível médio na rede federal de ensino, mas também se apresenta como uma possibilidade de se realizar pesquisa na educação regular. A educação regular carece de incentivo para a promoção da pesquisa, e esse guia, simples e de fácil compreensão, visa auxiliar nesse processo.

4.2 Trabalhos futuros

Considerando que o guia não foi totalmente aplicado em tempo hábil para finalizar esse trabalho de dissertação, os resultados finais obtidos poderão ser publicados por meio de um artigo científico futuramente.

REFERÊNCIAS

Livro

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

COSSUTA, Frédéric. **Elementos para a Leitura de Textos Filosóficos.** 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CUNHA, José Auri. **Iniciação à investigação filosófica: um convite ao filosofar.** 2ª Ed. Campinas, SP, Editora Alínea, 2013.

DESCARTES, René. **Discurso do Método: Para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências.** 2ª Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DESCARTES, René. **Meditações (Os pensadores).** São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DELEUZE, Gilles. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FOLSCHEID, Dominique. WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia Filosófica.** 2º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HOUAISS, Antônio, **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

KANT, Immanuel. **Lições de Ética.** São Paulo: Editora Unesp, 2018.

_____, Immanuel. **Que é o Esclarecimento?** 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1783.

_____, Immanuel. **Sobre a pedagogia.** 2ª Ed. Piracicaba, SP. Editora Unimep. 1999.

_____, Immanuel. **Crítica da razão pura.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.

Lakatos, Eva Maria. Marconi, **Metodologia Científica**. 2ª Edição. São Paulo: Atlas, 1991.

Lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008. **Planalto Federal**. Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

LOCKE, John. **Alguns pensamentos acerca da educação**. Pelotas, RS. Cadernos Educação FaE/UFPeL. 1999. Marconi, Marina de Andrade. Lakatos, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 8º edição, São Paulo: Atlas, 2018.

PIEPER, Josef. **Que é filosofar?** 2ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PORTA, Mario Aryel Gonzáles. **A filosofia a partir de seus problemas: didática e metodologia do estudo filosófico**. 4ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

RAMOS, Marise. **O Ensino Médio Integrado**. In: MOLL, Jaq Jaqueline (Org.). Educação Profissional e Tecnológica no Brasil contemporâneo. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 42-57.

RUSS, Jacqueline. **Os métodos em Filosofia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SILVA FILHO, Tomaz Martins da. **Temas de Filosofia da Educação e ensino filosófico** (Org). Belém: Editora IFPA, 2022.

APÊNDICE

APÊNDICE A - **QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS DO 3º ANO MÉDIO**

VOCÊ SE INTERESSA POR FILOSOFIA?

() SIM;

() NÃO.

EM AMBOS OS CASOS RESPONDA POR QUÊ?

VOCÊ TEM PARTICIPADO DE PESQUISAS CIENTIFICAS ORIENTADAS POR PROFESSORES NO INSTITUTO FEDERAL DO PARÁ? SE SIM, EM QUAIS ÁREAS DO CONHECIMENTO (DISCIPLINAS)?

VOCÊ JÁ LEU TEXTO FILOSÓFICO? SE SIM, QUAIS?

“COMO JÁ VIMOS, HÁ DUAS ESPÉCIES DE EXCELÊNCIA: A INTELLECTUAL E A MORAL. EM GRANDE PARTE, A EXCELÊNCIA INTELLECTUAL DEVE TANTO O SEU

NASCIMENTO QUANTO O SEU DESENVOLVIMENTO À INSTRUÇÃO (POR ISTO ELA REQUER EXPERIÊNCIA E TEMPO); QUANTO À EXCELÊNCIA MORAL, ELA É O PRODUTO DO HÁBITO, RAZÃO PELA QUAL SEU NOME É DERIVADO, COM UMA LIGEIRA VARIAÇÃO, DA PALAVRA “HÁBITO”. É EVIDENTE, PORTANTO, QUE NENHUMA DAS VÁRIAS FORMAS DE EXCELÊNCIA MORAL SE CONSTITUI EM NÓS POR NATUREZA, POIS NADA QUE EXISTE POR NATUREZA PODE SER ALTERADO PELO HÁBITO.” (ARISTÓTELES)

TRECHO DE TEXTOS BÁSICOS DE FILOSOFIA – DANILO MARCONDES

O QUE VOCÊ PENSA E ENTENDE A PARTIR DESTES TEXTOS?

QUAIS OS RECURSOS MAIS UTILIZADOS NAS AULAS DE FILOSOFIA DO INSTITUTO FEDERAL ATUALMENTE:

- LIVRO DIDÁTICO;
- INTERNET;
- LITERATURA FILOSÓFICA;
- FILMES;
- JOGOS;
- OUTRO _____

QUAIS DOS RECURSOS ACIMA VOCÊ CONSIDERA MAIS IMPORTANTE PARA A COMPREENSÃO DO CAMPO DE SABER DE FILOSOFIA? _____.

APÊNDICE B - ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE FILOSOFIA DO IFPA (ENTREVISTA GRAVADA)

1 - SEGUNDO SUA PERCEPÇÃO DA REALIDADE, DE 0-10 DIGA QUAL O NÍVEL DE INTERESSE NA DISCIPLINA DE FILOSOFIA?

2 - VOCÊ TEM SE SENTIDO ESTIMULADO PARA TRABALHAR PESQUISA FILOSÓFICA NO ENSINO MÉDIO? SIM OU NÃO, EXPLIQUE.

3 - QUAL O RECURSO DIDÁTICO MAIS USADO EM SALA DE AULA?

4 - QUAL FREQUÊNCIA O TEXTO FILOSÓFICO É USADO NA AULA?

5 - ALGUM ALUNO SEU JÁ MENCIONOU TER LIDO UM TEXTO FILOSÓFICO?

6 - JÁ TRABALHOU UM TEXTO FILOSÓFICO EM SALA QUE NÃO FOSSE O LIVRO DIDÁTICO? HOUVE DIFICULDADE DE COMPREENSÃO DA OBRA OU TRECHO DA OBRA POR PARTE DOS ALUNOS?

ANEXO A

FORMULÁRIO DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO

PROJETO DE PESQUISA E INOVAÇÃO	
1. IDENTIFICAÇÃO	
Coordenador (a) do Projeto: Prof. Dr. Tomaz Martins da Silva Filho	
Titulação: (x) Doutorado () Mestrado () Especialização	

CAMPUS: Conceição do Araguaia	SIAPE: 1089895
CPF: 022.542.513-09	RG: 1350942 SSP/TO
Telefone:	Celular: 79-999686382
E-mail Institucional: tomaz.martins@ifpa.edu.br	
E-mail Alternativo: professortomazmartins@gmail.com	
Endereço Eletrônico do Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/2971898970418818	
Título do Projeto: da dissensão do fanatismo político com relação à prudência e à moralidade, a partir da obra <i>a paz perpétua</i> .	
Classificação do Projeto Segundo Tabela de Áreas do Conhecimento	
Grande Área: Humanidades	
Área: Filosofia	
Sub-Área: Filosofia da História	
Grupo de Pesquisa atualizado no SIGAA: Grupo Interdisciplinar em humanidades	
Linha de Pesquisa: História, Teoria e Filosofia da História	
Palavras-Chave: fanatismo, prudência, moralidade, política.	
Instituição Parceira:	
Empresa Parceira:	
Início da Pesquisa: 01/06/2024	Término da Pesquisa: 30/11/2024

1. PROBLEMÁTICA E JUSTIFICATIVA

Nos últimos anos da democracia brasileira notamos que recrudescimento de certo fanatismo em diversos setores da vida social. Na religião, onde esse comportamento mostra-se mais presente através dos diversos tipos de fundamentalismos, é notável ainda um fanatismo na política, o que é extremamente preocupante. Há de se notar que para o uso público da razão, é ainda mais perigoso quando o fanatismo religioso ganha o ambiente público das instituições democráticas e fomenta assim o fanatismo político. Partimos do flagrante conflito que Kant nota entre moralidade e prudência na obra *A Paz Perpétua: um projeto filosófico* (1796), lá o filósofo percebe que o político sempre penderá para o uso da prudência mundana (KANT, 2016, p. 130), quando na verdade a política deveria guiar-se pela moralidade. Todavia, temos que lembrar que na política impera o conflito de como as coisas deveriam ser e como elas são. Talvez Kant não considerasse que há um problema mais grave para a política e para a instauração de uma paz duradoura entre os homens, o fanatismo. Kant (2018, p. 235-236) inicialmente identifica o fanatismo como um erro teológico, ligado ao exagero das excentricidades religiosas e parece, ao menos em princípio, não nos deixar brechas para uma

interpretação que relacione o conceito com a política, embora, a experiência atual do povo brasileiro mostre que há. Logo, poderíamos dizer que, o fanatismo político, a partir da doutrina da prudência kantiana e de sua doutrina moral, contraria tanto as máximas morais, bem como as máximas do interesse próprio?

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Tratar sobre o conflito entre fanatismo e máximas provenientes da razão.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- * Recompôr o conceito de fanatismo em Kant
- * Evidenciar o dissenso entre fanatismo as máximas provenientes da razão, como uma falha da razão teórica e moral.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Para Kant (2011, p. 50), tudo na natureza age (*wirken*) segundo leis, mas que somente um ser racional tem a capacidade de agir (*handeln*) conforme a representação das leis, isto é, de acordo com princípios, o que significa que o ser racional tem uma vontade. Os princípios, de modo geral, são representações da lei, são aquelas proposições fundamentais práticas, máximas, que se comparadas às leis da natureza podem elevar-se à universalidade, ou podem ser apenas subjetivamente úteis para casos contingentes. As proposições fundamentais práticas são aquelas que contêm uma determinação universal da vontade, determinação que tem sob si diversas regras práticas. (KANT, 2015, p. 65. 1ª parte – 1º livro - 1º cap.). Portanto, devemos considerar que os princípios não comportam unicamente a lei moral, mas também as regras provenientes das disposições naturais, as quais estão calcadas nos fundamentos determinantes materiais práticos. Essas regras têm como ponto de partida as máximas. Uma máxima, considerada como proposição fundamental subjetiva, é válida apenas para uma vontade particular. Somente quando são objetivas, as máximas podem ser consideradas leis práticas, portanto, válidas para a vontade de todo ente racional.

A ação humana é dividida em dois tipos: as que se pautam em máximas provenientes somente da razão e aquelas que provêm da razão em conjunto com os interesses próprios. O primeiro tipo de ação designa-se moralidade o segundo, prudência, de acordo com o sistema kantiano. É somente

no primeiro caso que podemos atribuir ao ser humano um valor para além do interesse próprio. O valor do homem, não está nas suas capacidades laborais de agir segundo habilidades, nenhum juízo moral pode ser feito de uma pessoa por conta de sua capacidade intelectual. Não se pode também avaliar moralmente alguém pelo gozo e bem-estar que atribui a si mesmo, pois juízos morais só podem ser emitidos se levam em conta a humanidade de si e dos outros. Isso se dá porque o princípio da humanidade constrange o homem a ter respeito pelos outros, e estes, estão em pé de igualdade. Então, a terceira fórmula do imperativo que se apresenta é esta: “Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio” (KANT, 2011, p. 73. 2ª seção). Esse imperativo moral é importantíssimo para fundamentar as leis nos sistemas constitucionais, em especial as democráticas que põe em nível de igualdade o povo de uma nação e os povos de modo geral. Um imperativo fundante da política enquanto um ideal de uma república democrática. Todavia, nenhum homem, nem os Estados podem dispensar seu interesse próprio, já que há na humanidade uma dependência de suas inclinações. A mais visível é o desejo de felicidade própria. Quanto à determinação, não do conteúdo do que é a felicidade, mas à sua forma, diz respeito ao tipo de ação que mescla as máximas da razão com o interesse individual. Para o entendimento de uma doutrina da prudência, Kant (2018, p. 90) considera que a “[...] determinação da felicidade é o aspecto primário na prudência, pois muitos ainda discutem [*streiten noch*] se a felicidade consista na preservação [*Enthalten*] ou na aquisição [*Erwerben*].” A depender da forma do que seja a felicidade, então aplica-se um tipo de prudência. (KANT, 2011, p. 54-55).

A palavra prudência é tomada em sentido duplo: ou pode designar a prudência nas relações com o mundo, ou a prudência privada. A primeira é a destreza de uma pessoa no exercício de influência sobre outras para as utilizar para as suas intenções. A segunda é a sagacidade em reunir todas estas intenções para alcançar uma vantagem pessoal durável. A última é propriamente aquela sobre a qual reverte mesmo o valor da primeira, e quem é prudente no primeiro sentido, mas não no segundo, desse se poderá antes dizer: é esperto e manhoso, mas em suma é imprudente. É preferível pensar que temos, não dois tipos de prudência, no entanto, como o próprio filósofo refere-se, dois sentidos (*Sinn*); um só conceito que se destina a dois propósitos diferentes. A prudência nas relações com o mundo diz respeito ao proveito que se tira das relações com os demais. Podemos dizer que é uma prudência pública, à medida que confere um valor público ao homem; uma prudência mundana (*Weltklugheit*). Ela diz respeito ao temperamento do homem na vida em sociedade, no trato com os demais. A prudência privada, nome que recebe em oposição ao foro de influência da prudência mundana, diz respeito à preservação do que como indivíduo

conseguiu-se do proveito tirado da relação com os demais, visto que é a capacidade de fazer duraras vantagens decorridas do uso da prudência mundana. Portanto, é a prudência privada que traz à baila a moderação e a temperança, quanto aos bens; é frugalidade, uma exatidão e cuidado no gasto de bens. (KANT, 2018, p.394. Consideração sobre a frugalidade). A prudência privada reprime os ímpetos das paixões que podem decorrer do mau uso da prudência mundana, a fim de que essa sempre se resguarde contra o desejo de poder inerente à civilização. Porque o homem sempre se sente tentado pela busca de

[...] reputação, autoridade e dinheiro; quando se está de posse deles, com eles se consegue, se não por meio de uma dessas influências, ao menos por meio de outra, abordar um homem qualquer e utilizá-lo para os próprios propósitos. (KANT, 2006, p. 158. Da inclinação ao poder de ter influência).

Os vícios que são derivados das inclinações nunca são completamente satisfeitos. Terdinheiro, honra e poder sempre serão motivos para que se deseje cada vez mais, incorre assim o homem no mau uso da prudência e, por conseguinte, abre caminho para os vícios. A maioria dos vícios provenientes do convívio social são prejudiciais à constituição da ordem democrática, mas para nós o mais grave é o fanatismo. Ele não tem raiz em si próprio, mas parece associar-se a algomais inofensivo, o misticismo.

O misticismo é a crença de que a natureza humana pode dar conta de acessar por meio de poderes invisíveis, poderes celestes, essa crença assenta-se no orgulho de si próprio e numa ilusão que avança para além do mundo sensível. Em todo caso, essa crença está associada à ilusão transcendental, o que faz do misticismo algo, de certo modo, “[...] compatível com a pureza e sublimidade da lei moral e, além disso, não é precisamente natural e adequado à maneira de pensar comum de estender a faculdade da imaginação até as intuições supra sensíveis [...]” (KANT, 2015, p. 245). Por ser fruto do uso exacerbado da imaginação, o misticismo deve ser evitado, porque, aofim e ao cabo, sem o controle da razão, conduz inevitavelmente ao fanatismo. Esse é a “[...] condição segundo a qual alguém excede sobre e além da máxima da razão” (KANT, 2018, p. 239). Isto é, pelo fanatismo a razão perde o controle total da ação que sempre deve ser direcionada por regras, sejam de prudência ou morais. Nossa hipótese é que no campo da política e, portanto, no âmbito societal o fanatismo é a ignorância da observância do dever moral, mas também até do apreço que se pode ter pelo interesse próprio, ou seja, pelas regradas de prudência. O fanático é imoral, pois não considera a dignidade humana do outro e é, sobremaneira imprudente, porque nãoconquista o bem querer dos demais, nem preserva a própria felicidade.

4. PÚBLICO ALVO

Aluno de nível médio

5. METODOLOGIA

A pesquisa é do tipo bibliográfico e básica, de cunho teórico. Os procedimentos a serem utilizados é análise de obras filosóficas e fichamentos. Para análise do sistema kantiano adotaremos o método estrutural da história da filosofia de Martial Gueroult. Tal método faz parte da escola francesa e apesar de se chamar método de pesquisa em história da filosofia, não se limita à história das ideias filosóficas, mas analisa problemas no interior dos sistemas filosóficos. A história da filosofia não é a história do pensamento, nem somente um relato das experiências do filósofo, é na verdade a razão atuante e produzindo sua própria história. Tal método tem como tarefa analisar a estrutura verticalmente das obras filosóficas, por isso, verticalidade do método dispensa uma contextualização histórica, social, antropológica da teoria e do próprio filósofo, ficando ao encargo do pesquisador contextualizar ou não. Essas contingências são dispensáveis, porque a história da filosofia é uma história da razão, que está para além dos adereços temporais, portanto, detém-se na estrutura do pensamento como elemento universal do sistema filosófico, para ali se aprofundar e extrair internamente dele as respostas que busca. Por isso, nos dirá Gueroult (2005, p. 162): “Aqui surge para o historiador da filosofia um novo ponto de vista. As doutrinas são vistas em si mesmas e por si mesmas. Todos os esforços são feitos para a fixação e o aprofundamento de seu sentido para os fins da meditação filosófica. O historiador se encerra nas monografias. Esse é o lugar do que chamarei de história vertical da filosofia, história menos propriamente histórica do que a outra, menos preocupada com o movimento coletivo das ideias, mas filosófica no sentido em que ela busca a significação filosófica profunda de tais ou tais obras analisadas uma a uma.” O pesquisador orientando irá primeiramente se aprofundar nas obras de caráter antropológico e por fim escrever sobre os conceitos de moralidade e prudência em Kant. Como se trata de um projeto de pesquisa para ensino médio, recorrer ao empírico é necessário e até inevitável por conta concretude que exige o entendimento humano nesse período de informação. Todavia, a filosofia exige abstração, a partir disso, é necessária a leitura das obras políticas de Kant, *A paz perpétua*, *Conflito das faculdades* e *O que é esclarecimento?* obras de fácil compreensão. Tendo sido escolhido previamente o tema pelo

professor pesquisador, o orientando passará às leituras gerais de iniciação filosófica; como ler textos de filosofia e formação de metodologia de pesquisa filosófica (dada a ausência de manuais de iniciação à pesquisa nessa área). A partir disso, dar-se-á prosseguimento nas leituras de obras introdutórias ao sistema filosófico – introduções ao pensador e biografias. Somente, tendo se sido feita essa iniciação, o aluno pode ingressar nos livros propriamente sistemáticos. À medida que irá lendo, pode recorrer-se vídeos, textos de internet, sempre com supervisão do orientador, deve nesse momento o aluno fazer um roteiro dos conceitos, dando definições para cada um; por exemplo: o que é moral? O que é prudência? O que é boa vontade? Etc. E o orientador vai lhe assessorando. Nesse ponto o aluno já pode esboçar pequenos parágrafos que, a partir dos quais, o orientador vai orientá-lo para o texto final da pesquisa, normalmente um resumo expandido, que pode com a participação da escrita do orientador vir a ser um artigo.

8. RESULTADOS ESPERADOS NO FINAL DO PROJETO

Pretende-se publicar artigo de iniciação à filosofia com aluno de nível médio na revista IF-Sophia; Publicar e eventos internos ao campus e externos;
Fortalecer projeto de extensão em andamento "O republicanismo nos caminhos da democracia e da prudência" desenvolvido na licenciatura em história. A partir desse projeto, visamos incluir também orientando de nível médio no desenvolvimento das atividades extensionistas que tem como objetivo da formação democráticas para alunos de escolas públicas em idade de votação.

19. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUEROULT, Martial. **O método em história da filosofia**. Tradução de Nicole Alvarenga Marcello. SKÉPSIS, ano VIII, nº 12, 2015.

KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht* (AA 07). Tradução de Clelia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____, Immanuel. **A paz Perpétua e outros opúsculos**. *Zum ewigen Frieden* (AA 08). Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70. 2016a.

_____, Immanuel. **Conflito das faculdades**. *Der Streit der Fakultäten* (AA 07). Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições, 1993.

_____, Immanuel. **Começo conjectural da história humana**. *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten* (AA 04). Tradução de Edmilson Menezes. São Paulo: Editora Unesp, 2010b.

_____, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten* (AA 04). Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2011.

_____, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes.** *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten (AA 04)*. Tradução de Guido Antônio Almeida. São Paulo: Discurso editorial. 2009.

_____, Immanuel. **Ideia de uma história universal com um propósito cosmopolita.** *Idee zu einer allgemeinen Geschichte in weltbürgerlicher Absicht (AA 08)*. Tradução de Rodrigo Novaes e Ricardo Terra. São Paulo: Martins fontes, 2016.

_____, Immanuel. **Immanuel Kant: Reflexões de filosofia moral [seleção de notas].** Tradução de Bruno Cunha. Estudos Kantianos, Marília, v. 7, n. 1, 2019a. Pp. 81-102.

_____, Immanuel. **Kant: Lettres sur la morale et la religion.** *Briefe (AA 10-13)*. Tradução e Organização de Jean-Louis Bruch, Paris: Éditions Aubier Montaigne, 1969.

_____, Immanuel. Kant e a primeira recensão a Herder: comentário, tradução e notas. *Briefe (AA 10-13)*. Tradução de Joel Thiago Klein. *Studia Kantiana*. Curitiba, nº 13, 2012a. Pp. 121-147. Disponível em: <http://www.sociedadekant.org/wp-content/uploads/2013/02/STUDIA-KANTIANA-13.121-147-Klein.pdf>. Acesso em: 12-04-2022.

_____, Immanuel. Kant e a segunda recensão a Herder: comentário, tradução e notas. *Briefe (AA 10-13)*. Tradução de Joel Thiago Klein. *Studia Kantiana*. Curitiba, nº 14, 2013a. Pp. 190-214 Disponível em: <http://www.sociedadekant.org/studiakantiana/index.php/sk/search>. Acesso em: 12-04-2022.

_____, Immanuel. **Lições de ética.** *Moralphilosophie Collins (AA 27)*. Tradução de Bruno Cunha et al. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

_____, Immanuel. **Œuvres Philosophiques.** Tradução de Ferdinand Alquié et al. Tome I. Paris: Librairie Gallimard, 1980.

_____, Immanuel. **Œuvres Philosophiques.** Tradução de Ferdinand Alquié et al. Tome II Paris: Librairie Gallimard, 1985.

_____, Immanuel. **Œuvres Philosophiques.** Tradução de Ferdinand Alquié et al. Tome III. Paris: Librairie Gallimard, 1986.

_____, Immanuel. **Metafísica dos costumes.** *Die Metaphysik der Sitten (AA 06)*. Tradução de Clélia Aparecida Martins et al. Petrópolis: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013b.

Conceição do Araguaia/PA, 09 de Abril de 2024.

Coordenador
do Projeto